

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA RAMOS GLINKA

**A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO:  
OS DESAFIOS DAS JORNALISTAS EM CURITIBA**

CURITIBA

2018

FERNANDA RAMOS GLINKA

**A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO:  
OS DESAFIOS DAS JORNALISTAS EM CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Myrian Del Vecchio Lima

CURITIBA  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço e dedico esta conquista à minha família, em especial aos meus pais, Renata e Walter, por terem me dado tantas oportunidades, além de todo incentivo necessário para persistir em meus sonhos, e à minha tia, Consuelo, também jornalista, por ser parte fundamental da minha formação acadêmica e pessoa. Vocês são coautores de todas as minhas conquistas.

Às minhas queridas amigas, Bianca de Araujo, Maria Carolina Ronkoski, Rhaiany Leicy, Amanda Lüder, Karen Sailer e Bárbara Rubira, por estarem ao meu lado ao longo desses quatro anos de graduação e por sempre me ajudarem, seja com palavras ou com um ombro amigo, em todos os âmbitos da minha vida.

Ao Murilo Cesar da Silva, por ter inspirado minha paixão pelo mundo dos esportes, além de todo apoio e incentivo ao longo dos anos.

E à minha prezada professora e orientadora, Myrian Del Vecchio Lima, que tanto me ajudou ao longo da realização desse Trabalho de Conclusão de Curso, se fazendo presente em todos os momentos necessários.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo verificar a percepção das mulheres jornalistas que trabalham com cobertura esportiva em Curitiba quanto a representatividade feminina e as dificuldades relacionadas ao gênero impostas pela área. Buscou-se também identificar as perspectivas dessas mulheres quanto ao futuro da profissão. Para tanto, a pesquisa foi delineada em etapas. A primeira consistiu em pesquisa bibliográfica sobre os temas-chave para este trabalho: jornalismo, jornalismo esportivo, mulher no mercado de trabalho, mulher no jornalismo esportivo e mulher no esporte, em conjunto com uma breve pesquisa exploratória nas redações esportivas da capital paranaense. Na segunda etapa foram realizadas entrevistas com 13 mulheres que atuam, ou já atuaram, no jornalismo esportivo local. Por fim, analisou-se qualitativamente as respostas obtidas. Dentre os resultados, foi possível perceber que as barreiras para a inserção feminina na área são maiores no rádio e, apesar da diminuição no número de casos de preconceito e assédio relacionado ao gênero, eles ainda são comuns em ambas as áreas, principalmente por parte do público. Entretanto, as jornalistas esportivas se sentem representadas na área devido à qualidade do trabalho desenvolvido por elas próprias e suas colegas, além de possuírem uma visão positiva para a ascensão feminina no jornalismo esportivo.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Jornalismo esportivo. Mulheres jornalistas. Esporte. Curitiba.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> – Número de jornalistas por gênero atuantes nas redações esportivas de rádio e televisão em Curitiba - PR.....	24
<b>TABELA 2</b> – Área ou editoria em que as entrevistadas da pesquisa “Mulheres no jornalismo brasileiro” desempenham suas atividades.....	40
<b>TABELA 3</b> – Jornalistas entrevistadas que trabalham ou trabalharam na cobertura esportiva em Curitiba – PR.....	48

## **LISTA DE SIGLAS**

Abraji – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

CBN – Central Brasileira de Notícias

ESPN – Rede de Programação de Esportes e Entretenimento

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU – Organização das Nações Unidas

TP – Teleponto

TV – Televisão

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1	JUSTIFICATIVA.....	10
<b>2</b>	<b>AS VERTENTES ESPECIALIZADAS DA IMPRENSA: O JORNALISMO ESPORTIVO.....</b>	<b>12</b>
2.1	JORNALISMO GERAL X JORNALISMO ESPECIALIZADO.....	13
2.2	JORNALISMO ESPECIALIZADO ESPORTIVO.....	17
2.3	JORNALISMO ESPORTIVO NO RÁDIO.....	25
2.4	JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO.....	29
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIA FEMININA: A MULHER COMO PROFISSIONAL.....</b>	<b>32</b>
3.1	ATUAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO.....	32
3.2	A MULHER NO JORNALISMO.....	36
3.3	A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	39
3.4	A MULHER NO ESPORTE.....	42
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DAS ENTREVISTAS POR CATEGORIA E SEUS RESULTADOS.....</b>	<b>51</b>
5.1	CATEGORIA A: REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA COBERTURA ESPORTIVA LOCAL.....	51
5.2	CATEGORIA B: DIFICULDADES DE ATUAÇÃO NA ÁREA ESPORTIVA.....	53
5.3	CATEGORIA C: ASSÉDIOS MORAL E SEXUAL.....	55
5.4	CATEGORIA D: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	58
5.5	RESULTADO DA ANÁLISE.....	60
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “A mulher no jornalismo esportivo: os desafios das jornalistas em Curitiba.” Este tema surgiu a partir da pergunta: “Como é o campo do jornalismo esportivo para as mulheres em Curitiba?”. A curiosidade vem também da dúvida em relação a este meio ainda ser considerado ou não de predomínio masculino e de como são as condições de trabalho dessas jornalistas. Em Curitiba, recorte espacial desta pesquisa, o jornalismo esportivo pode ser resumido na cobertura do futebol local e nacional, não possuindo representatividade significativa de outros esportes.

Quando o rádio e a televisão (TV) surgiram no Brasil, ambos no século XX, quase todos os membros de suas equipes jornalísticas, desde a produção até a execução dos programas, eram homens, acompanhando a tendência desigual de inserção profissional na sociedade com relação aos gêneros. Com o passar dos anos, as mulheres foram conquistando seu espaço nos mais diversos campos profissionais, inclusive no jornalismo. Porém, a inserção sempre foi mais difícil em certas áreas especializadas da profissão, como por exemplo, na política e no esporte.

Atualmente, de acordo com dados de 2018 do Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor-PR), ainda é possível observar essa diferença, já que existem 2.611 mulheres cadastradas enquanto o número de homens já passa de três mil. Isto apesar dos dados nacionais, como veremos adiante, que apontam a existência de 64% de mulheres jornalistas nas redações brasileiras (BERGAMO *et al*, 2013).

O recorte que aqui nos interessa, entre as editorias jornalísticas, é o do jornalismo esportivo, uma especialização que transita do gênero informativo ao opinativo e que está associada à necessidade do público em consumir informações relacionadas aos seus interesses pessoais, neste caso o esporte.

Como veremos no decorrer deste trabalho, as mulheres ainda são minoria no campo do jornalismo esportivo, fato ainda bastante associado ao imaginário de uma sociedade patriarcal, que enxerga o domínio feminino como o doméstico, tendo como principais características a fragilidade, emoção e passividade, características pouco presentes no âmbito esportivo.

Ainda hoje é bastante comum ouvirmos que “mulher não entende de futebol”, o esporte mais apreciado no Brasil, ou vemos pessoas surpresas quando uma mulher sabe como funciona o impedimento neste jogo, uma das regras mais básicas do



esporte. Esse tipo de pensamento preconceituoso faz com que as mulheres não tenham ou percam credibilidade na área. E isso se aplica perfeitamente à especialidade do jornalismo esportivo. Mesmo assim, muitas mulheres lutam por seu espaço na área, e algumas, apesar do preconceito, já conquistaram cargos de relevância, como é o caso de Fernanda Gentil e Nadja Mauad, apresentadora do Globo Esporte e repórter esportiva da Rede Paranaense de Comunicação (RPC) respectivamente.

Ao partir do *pressuposto* de que as mulheres enfrentam barreiras e preconceitos para participar do jornalismo esportivo, surgiu a ideia de realização deste projeto de TCC (Trabalho e Conclusão de Curso). Para tanto, foi necessário analisar, de forma ampla, mas sucinta, como se deu a inserção das mulheres ao longo da história do jornalismo brasileiro no rádio e na TV, em especial no campo do jornalismo esportivo, além de buscar, no âmbito local (Curitiba-PR), por meio de entrevistas com profissionais da área, depoimentos que pudessem levar à identificação das supostas dificuldades enfrentadas por essas mulheres.

A partir do pressuposto inicial, pode-se colocar as seguintes *questões de pesquisa ou problematizações*:

Como é o campo do jornalismo esportivo para as mulheres em Curitiba? Em que atividades elas atuam na área? Elas transmitem e geram credibilidade? Quais são as principais dificuldades enfrentadas em seu cotidiano de trabalho, nas redações e em cobertura? Como elas se vêem representadas? Existe assédio na área: moral ou sexual?

Destas questões decorreram *objetivos* abaixo descritos.

#### GERAL:

Elaborar uma monografia que verifique e descreva como é o campo do jornalismo esportivo para as mulheres jornalistas em Curitiba (PR).

#### ESPECÍFICOS:

1. Levantar dados e informações sobre a participação das mulheres no jornalismo profissional brasileiro e, em especial, no jornalismo esportivo; apontar dados específicos sobre esta realidade em Curitiba.

2. Buscar e entrevistar mulheres que atuam no jornalismo esportivo local para verificar e descrever quais são as atividades exercidas por elas.

3. Levantar as condições de trabalho das jornalistas nesta área e identificar possíveis barreiras à sua ascensão profissional no ramo.

4. Analisar qualitativamente as falas obtidas de forma a traçar um panorama sobre a atuação da mulher no jornalismo esportivo local.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

No Brasil, segundo dados de pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), corroborados pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) (BERGAMO *et al.*, 2013), o número de mulheres jornalistas representa 64% do total de profissionais da área. Porém, de acordo com um levantamento feito pela German Sport University Cologne (HORKY; NIELAND, 2011), apenas 8% das coberturas esportivas pelo mundo são feitas por mulheres. No Brasil, este número é ainda menor, sendo apenas 7%.

Essa diferença no número de mulheres e homens jornalistas no âmbito do esporte se deve, também, às questões de gênero que têm sido cada vez mais utilizadas como referência sobre qualquer construção social que tenha a ver com a falta de equidade entre o masculino e o feminino (NICHOLSON, 2000). O esporte, como lazer ou com finalidades competitivas, unificou um conjunto de adjetivos que representam muito do imaginário coletivo sobre o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites (RUBIO & SIMÕES, 1999) e essas ideias se calcificaram no senso comum. Assim, esta área vem sendo um espaço de busca de igualdade de direitos e ascensão social feminina.

Trazer para o centro das discussões as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo e mostrar como isso impacta diretamente nos direitos das mulheres na sociedade pode ser mais um passo para a construção da equidade de gênero. Discutir as consequências do preconceito no jornalismo esportivo pode produzir reflexos diretos no aumento das mulheres nesta área. Assim, mais mulheres encontrarão incentivos para enfrentar as dificuldades. Sociedade, empresas, mercado e economia podem se beneficiar dessa discussão.

Como a produção científica tem como objetivo se apropriar da realidade para melhor analisá-la e, posteriormente, produzir transformações, a discussão sobre a inserção das mulheres no jornalismo esportivo é cada vez mais necessária e pertinente, revestindo-se de importância para o meio acadêmico nas áreas onde a

questão se insere. Nesse contexto, a maior produção de estudos sobre gênero no jornalismo em geral e, principalmente, no jornalismo esportivo, pode ser o início de um processo de transformação que começa na academia e estende seus reflexos para a realidade social.

O tema também foi inspirado no interesse desta pesquisadora nos esportes em geral, por sentir falta de representatividade feminina nesta editoria do jornalismo e, principalmente, por ser uma área de interesse para uma futura atuação profissional.

## 2 AS VERTENTES ESPECIALIZADAS DA IMPRENSA: O JORNALISMO ESPORTIVO

Veremos neste capítulo como se deu a conformação do jornalismo especializado, com aprofundamento na vertente esportiva. As pesquisas mostram que desde o século XIX já era possível encontrar artigos jornalísticos de temas específicos, ou seja, especializados, nos jornais da época (BUENO, 2015, p. 202).

O jornalismo esportivo, especificamente, teve início na década de 1900 e, desde então, se tornou porta de entrada para os jornalistas iniciantes, já que é nesta editoria que se encontram os salários mais baixos das grandes redações, conforme Paulo Vinicius Coelho (2003), estudioso da área. O estado da arte sobre o tema no Brasil, em termos de pesquisa acadêmica, ainda é restrito. O livro do autor acima, intitulado exatamente de “Jornalismo Esportivo”, entre os poucos livros teóricos sobre a especialidade no Brasil, seja talvez o mais conhecido e utilizado no âmbito da graduação em jornalismo.

Entretanto, em pesquisa exploratória na *Internet*, encontrou-se um grupo de pesquisa na área, o “Quem Somos”, Grupo de Pesquisa em Jornalismo Esportivo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O grupo tem o intuito de estudar temas referentes à área esportiva dentro de sua abrangência, de arte e ciência, além de superar o entendimento público de que a área de esportes na mídia é a mais frágil e menos conceituada. Dentre seus pesquisadores está Ana Maria Acker, doutoranda em Comunicação e Informação na UFRGS na época da consulta (2018) e autora dos dois únicos artigos publicados em revista do grupo: “Construções de poder no documentário de Maradona”, de Emir Kusturica; e “O futebol brasileiro nos filmes Boleiros 1 e 2”, de Ugo Giorgetti, este último feito em parceria com Miriam de Souza Rossini, ambos em 2012.

A pesquisa na *Internet* também permitiu a localização de alguns artigos que relacionam jornalismo e esporte e/ou cobertura esportiva, usados como referência para este trabalho de conclusão de curso. Mas, o tema não apresenta tanta produção quanto outras áreas do jornalismo especializado, como o jornalismo científico, político ou cultural, por exemplo.

Especificamente, como o recorte deste trabalho está voltado para a compreensão do funcionamento do jornalismo esportivo radiofônico e televisivo e a atuação da mulher jornalista nesta área, ao final do capítulo foi contextualizada,

mesmo que de forma breve, a história desses dois meios, bem como a inserção do jornalismo esportivo em suas transmissões.

## 2.1 JORNALISMO GERAL X JORNALISMO ESPECIALIZADO

Definir o que é o jornalismo, enquanto campo científico e profissional, é sempre uma tarefa que exige esforço conceitual. Mas enquanto atividade profissional podemos, de maneira ampla, mesmo incorrendo no risco da simplificação, chamar de jornalismo o ato de investigar, coletar e analisar informações de interesse público, a partir dos acontecimentos que ocorrem na realidade social, sendo a notícia o principal produto deste conjunto de atividades. Clóvis Rossi (1980, p. 7) romantiza tal descrição, dizendo que “o jornalismo, independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos”. Já para Traquina (2004, p. 22), o jornalismo é um conjunto de estórias de parte seletiva da realidade, profissão que muitas vezes é “reduzida ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados em uma fábrica de notícias”. Apesar da definição anterior, o autor afirma que os profissionais do campo jornalístico contribuem ativamente na construção simbólica da realidade, sendo neste sentido importantes mediadores sociais. Traquina (2004) assume o entendimento de “campo” do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para o jornalismo, compreendendo seu principal produto, a notícia, como um recurso social e objeto de luta e definição sobre quais acontecimentos sociais serão transformados e produzidos como tal, ou seja, que fatos sociais ganharão a dimensão simbólica da notícia.

Traquina (2004) também aponta o jornalista como o profissional que reivindica para si e para seu grupo o monopólio do saber desse campo, sendo ele, portanto, aquele que vai definir e construir a notícia, alterando a percepção social da realidade pelo público consumidor de informação noticiosa. De acordo ainda com os autores citados acima, o jornalismo pode ser entendido como uma busca pela exposição organizada, embora fragmentada, da realidade social, a qual refere-se tanto à veracidade das informações quanto ao interesse do público por determinado assunto relacionado, ou não, à sua vida cotidiana. Como a realidade social, matéria prima do jornalismo (SILVA, 2013), é um objeto em constante transformação, assim também pode ser entendido no jornalismo.

O campo jornalístico, ao longo de mais de 150 anos, tem se apresentado em permanente evolução, acompanhando, e ao mesmo tempo influenciando, as transformações socioculturais. Além do mais, ao longo do tempo, assim como todas as outras atividades de comunicação, ele é condicionado pelo desenvolvimento das tecnologias que permitem inovações no campo, de acordo com os contextos socioculturais e econômicos em termos de tempo e espaço.

Tanto o telégrafo e a máquina de escrever quanto as mais novas tecnologias de linguagem, como a *Internet*, aumentaram a velocidade e a dinamicidade do trânsito da informação, contribuindo de forma significativa e indispensável para a evolução da técnica e prática da profissão (SILVA, 2013). Esta cooperação da tecnologia com o jornalismo foi, e ainda vai, muito além da utilização de novas ferramentas para beneficiar o principal produto da profissão, a notícia, ela também:

(...) se estende à estrutura de produção, organização e direção, e atinge, sobretudo, o conteúdo dos jornais e sua ordenação interna, que começou a exigir uma gama variada de competências fruto da divisão do trabalho e da especialização do jornalista. (SILVA, 2013)

Neste sentido, Traquina (2004) também reconhece a comercialização e profissionalização dos trabalhadores como processos fundamentais da evolução da atividade jornalística.

As variadas especificidades temáticas que começaram a ser abordadas pelo campo, ao se aperfeiçoarem, deram origem ao chamado jornalismo especializado, que veio atender a heterogeneidade de interesses do público consumidor de notícias e suas exigências individuais. Páginas, suplementos, cadernos especiais e/ou editorias dedicadas a áreas ou temas específicos se tornaram necessários para conseguir a atenção dos diferentes alvos, o que, por consequência, levou ao avanço da profissão.

O sociólogo Manuel Castells (1999), em seu livro “A sociedade em rede”, ao apontar como alguns artefatos tecnológicos, como o walkman e as fitas cassetes, contribuíram para a diversificação da audiência de massa, nos leva a pensar como esta diversificação reforça a necessidade de produzir conteúdos especializados para os diferentes meios e formas de comunicação. Com a chegada desses aparelhos, entre os anos 1970 e 1990, as pessoas podiam escolher ouvir/ver determinados

conteúdos onde e quando quisessem. Nas palavras de Castells (1999, p. 362), o walkman se tornou “um ambiente de áudio portátil, dando oportunidade às pessoas, em particular aos adolescentes, de construir suas paredes de sons contra o mundo exterior”. Foi nesta época que os meios de comunicação, no interior dos quais o jornalismo atua diretamente, perceberam a necessidade de se adequar aos interesses particulares do público e, então, as rádios começaram a se especializar, com estações temáticas e subtemáticas. Mas o passo decisivo, de acordo com Castells, foi a multiplicação de canais de TV nos anos 90, que aumentou a heterogeneidade do público. Toda esta segmentação incrementou ainda mais a produção de conteúdos de jornalismo especializado, antes mais restrito a jornais e revistas que se dedicavam a assuntos específicos, como economia ou jardinagem.

Assim a tecnologia é um fator importante para estabelecer a segmentação dos públicos das diferentes mídias, levando à necessidade da criação de conteúdos específicos, portanto especializados. Afinal, de acordo com Silveira, a tecnologia, em especial a digital online:

trouxe uma maior possibilidade de interatividade, ou seja, a possibilidade de ter uma resposta do receptor quanto às informações, ao que é publicado e de que forma. Assim, alguns temas que antes não eram tão valorizados ganham espaço pela “pressão do público”. (SILVEIRA, 2009, p. 51)

Para Abiahy (2000), o jornalismo especializado demonstra uma mudança dos paradigmas informacionais, fazendo sentido que se busque atender às especificidades de cada público, já que, atualmente, as escolhas individuais prevalecem sobre o engajamento coletivo. TAVARES (2009), citando BARGANZA CONDE (2005), diz que o jornalismo especializado é:

(...) fruto, em sua maioria, da grande mídia e da exigência do público cada vez mais diversificado, que exige conteúdos específicos – assim como seus interesses – e que eles sejam abordados em profundidade. Ou seja, com cunho informativo. (BERGANZA CONDE, 2005, p. 39, tradução livre)

Sendo assim, toda e qualquer especialidade do jornalismo necessita de conhecimento prévio do assunto por parte de quem produz seus conteúdos, para que possa ser redigido e transmitido ao público com informação de qualidade e

veracidade. Mas podemos ir além da definição da autora acima citada, salientando que o jornalismo especializado, em qualquer área, também busca trazer opiniões críticas relevantes para os públicos aficionados ou interessados em determinadas temáticas.

Especificamente no campo jornalístico, de acordo com Silveira (2009), é a divisão de assuntos em editorias e o ato de fazer matérias específicas que classifica as especializações no jornalismo, embora existam atualmente alterações neste sentido, em função de novos arranjos advindos do jornalismo digital. A autora diz que o jornalismo especializado possui duas funções: a de orientar o indivíduo e a de agregar a audiência conforme suas afinidades “ao invés de tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses que jamais atenderia à especificidade de cada grupo”. (SILVEIRA, 2009, p. 49).

De acordo com Wilson da Costa Bueno (2015, p. 280) o jornalismo especializado se consolidou efetivamente a partir da segunda metade do século XX, surgindo diversas vertentes, como o jornalismo científico, esportivo, econômico, cultural, ambiental, agrícola, entre outros, sempre transmitido por profissionais com conhecimento prévio do assunto. Bueno, ao citar Moreira e Massarani (2002), relembra que os primeiros jornais brasileiros, como *A Gazeta do Rio de Janeiro* e *O Patriota*, já possuíam, no século XIX, artigos divididos por temas distintos, sendo os de ciência e tecnologia os principais da época.

Diferentemente da cobertura de caráter geral, que não se vincula a uma temática específica e se manifesta a partir de um discurso despojado de termos e expressões técnicos ou científicos, (o jornalismo especializado) pressupõe uma área de cobertura circunscrita a uma temática, um discurso “especializado”, fontes qualificadas e um nível de capacitação diferenciada dos profissionais que o produzem. (BUENO, 2015, p. 202)

Para Silveira (2009), a separação do jornalismo em temas especializados tem relação, também, com o capitalismo, já que tais especificações conseguem atingir grupos menores com mais facilidade, criando impacto e gerando interesse de compra. “É uma estratégia que gera lucros mais eficazes e uma resposta à demanda por informações direcionadas, característica da formação das audiências específicas” (SILVEIRA, 2009, p. 48). Mas não é apenas Silveira que enxerga esse traço comercial no jornalismo especializado, antes dela, Abiahy já dizia que:



o desenvolvimento do jornalismo especializado está relacionado a essa lógica econômica que busca a segmentação do mercado como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si. (ABIAHY, 2000, p. 5)

Abiahy ainda diz que o jornalismo especializado serve de “termômetro da gama de interesses das mais diversas áreas” (2000, p.5-6), revelando os temas sobre os quais a população tem mais afinidade.

Quanto maior for o número de mídias e quanto mais diferenciadas e plurais forem suas linhas de compreensão e construção interpretativa dos fenômenos, mais democrática será a rede das mídias, na medida em que a multiplicidade dos pontos de vista fornece ao público receptor alternativas de escolha entre interpretações diversas. (SANTAELLA, 1996 *apud* ABIAHY, 2000, p. 14)

Ou seja, o jornalismo especializado é uma subárea do jornalismo do dia a dia, ou “geral”, feito por profissionais qualificados de uma determinada área, que produzem material jornalístico específico usando expressões do meio. Normalmente, os temas referentes ao jornalismo especializado estão localizados em espaços (páginas, veículos, programas, portais, etc.) próprios. E, por conta da diversidade do público, esta vertente do jornalismo tende a se desenvolver cada vez mais, tanto pela necessidade de atrair a todos quanto pelos motivos comerciais. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, iremos nos atentar ao jornalismo especializado da área esportiva.

## 2.2 JORNALISMO ESPECIALIZADO ESPORTIVO

Borelli (2002, p. 2) ressalta que “o esporte sem linguagem se torna apenas um movimento biomecânico e fisiológico, não sendo levado em conta seu aspecto simbólico, cultural, social”. Sendo assim, o jornalismo esportivo, enquanto construção baseada na linguagem, serve de intermediador do movimento humano e de sua compreensão por parte dos indivíduos.

O esporte como assunto jornalístico teve sua primeira aparição no Brasil mais de 60 anos depois do primeiro jornal esportivo internacional<sup>1</sup>, no dia 17 de outubro de 1901, no *Jornal do Comércio*, em São Paulo, numa tônica elitista, da mesma forma como o esporte era praticado na época (RIBEIRO *apud* TÊMER, 2012). O primeiro registro esportivo não direcionado às elites é da década de 1910, em São Paulo, publicado no jornal *Fanfulla*, que trazia relatos de página inteira em um tempo em que o esporte ainda não cativava multidões. E apesar de as informações transcritas ainda não poderem ser consideradas como jornalismo esportivo, é graças a elas que temos hoje informações sobre os primeiros jogos de futebol e vôlei no país. De acordo com Coelho (2003, p. 9), esses registros foram feitos a contragosto, já que “nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte”. Apenas em 1931 surgiu o primeiro diário exclusivo voltado aos esportes no país, o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, mesmo ano da primeira locução integral de uma partida de futebol, feita por Nicolau Tuma para a Rádio Educadora de São Paulo.

Assim como toda área do jornalismo especializado, o esportivo deveria seguir as mesmas regras do geral, porém, para Netto (2013), não é isso que acontece. Para o autor, o jornalismo esportivo possui um universo particular. E isso também pode ser observado nas demais áreas do jornalismo especializado. O jornalismo científico, por exemplo, possui uma característica única envolvendo o caminho da notícia - por conta dos termos técnicos da área e da grande dificuldade que a população enfrenta no entendimento de assuntos relacionados à ciência, recomenda-se que o texto jornalístico passe por revisão do próprio cientista antes de ser publicado, o que não acontece com as demais especializações:

Repórteres da corte relatam julgamentos importantes; repórteres de justiça abordam questões jurídicas difíceis; repórteres policiais vão para cenas de crime e recebem briefings não imputáveis da polícia; repórteres de negócios observam o mercado de ações e analisam os rumores (muitas vezes plantados) das peças corporativas; e repórteres esportivos obtêm os melhores lugares nos maiores jogos, informam aos

---

<sup>1</sup> O primeiro jornal esportivo do mundo foi o *Journals des Haras*, nascido em Paris, em 1828. Apenas 24 anos depois, em 1852, na Inglaterra, foi criado o primeiro diário esportivo, o *Sportman*, e, quatro anos depois, em 1856, a revista *El Cazador*, na Espanha. Em 1895 o jornalismo esportivo entrou nos Estados Unidos, nas páginas no jornal *The New York Journal* (SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**, Porto Alegre (RS), 2009).

outros sobre o que aconteceu e destinam-se a usar esse ponto de vista privilegiado para expor os trabalhos ocultos da máquina esportiva (ROWE, 2004, p. 41, tradução livre)

Além dos aspectos citados por Rowe (2004), o campo do jornalismo esportivo possui o costume de abrir espaço da editoria para ex-atletas. Um dos motivos para que isso ocorra é a grande variedade de esportes existentes, o que dificulta o aprofundamento dos jornalistas em cada prática. Com isso, o jornalismo esportivo, em especial há alguns anos, acaba sendo exercido por amadores ao invés de jornalistas profissionais, e este é um dos grandes problemas ligados à editoria (YANEZ, 1995).

[...] é indispensável tratar (o jornalismo esportivo) com a mesma seriedade dispensada a outras editorias, que tendem a não dar espaço de opinião para palpites mal informados. Um caminho para o jornalismo esportivo ser levado a sério é a aposta em profissionais competentes para emitir opinião com qualidade e em bom português. Não havendo este tipo de profissional, quem perde é o público, que não pode cobrar qualidade de quem não está preparado para oferecê-la. (ROSSI, 2013, p.4, apud BRITOS e ANDRADE, 2008)

Por sua vez, Patrícia Rangel Moreira (2008), citada por NETTO (2013), afirma sobre o comentarista esportivo:

O comentarista tem a função de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe de forma diferenciada o jogo. Ele deveria ter uma área de credibilidade não se envolvendo em disputas emocionais, sem conteúdo, que, ao invés de enriquecer a transmissão, empobrece (...). (RANGEL, 2008)

Entre todas as especializações do jornalismo, o esportivo é uma das que tem mais autonomia, já que existem menos incertezas na análise do esporte do que nas editorias ou especialidades de política e economia, por exemplo. Porém, com isso, ele é desvalorizado, sendo até mesmo considerado como uma editoria menor pelas demais especializações, e determinadas práticas, como a citada por Rossi (2013) acima, agravam este preconceito.

E a desvalorização vai além dos próprios jornalistas. O jornalismo esportivo é uma das editorias na qual se concentram os mais baixos salários das grandes redações, sendo lugar para iniciantes da profissão.

É assim desde que o jornalismo escreveu sua primeira página. As portas de entrada para os novatos são a editoria de esportes e a de cidades. O que é ótimo para quem quer seguir carreira em outras áreas. E péssimo para o desenvolvimento da própria carreira de jornalista esportivo. (COELHO, 2013, p. 27)

Na realidade, o esporte possui, sim, complexidade e não é um assunto fácil a ser tratado, afinal ele envolve muito mais do que apenas uma partida de futebol, por exemplo, mas requer estudo e acompanhamento constante. Para Yanez (1995), o entendimento do esporte e o reconhecimento do que ele significa para a sociedade são as melhores armas para o jornalista lutar pelo reconhecimento do seu trabalho.

Para Barbeiro e Rangel (2006), citados por OSELAME (2010), o jornalismo esportivo se confunde, frequentemente, com puro entretenimento. Se no jornalismo geral ou diário contemporâneo já é difícil perceber a diferença entre informação e entretenimento, devido à espetacularização da informação, no jornalismo especializado esportivo tal percepção é ainda mais complicada. Arbex (2001), citado por RIBEIRO (2014), questiona essa inserção do entretenimento no jornalismo como uma quebra no propósito da profissão, que é a busca da verdade. No âmbito esportivo isso se deve ao fato de ser uma editoria que lida com o emocional, fazendo com que se perca o foco do que é, ou deveria ser, a sua função social. Essa distorção de valores também se dá devido ao fato de o público em geral enxergar o esporte como lazer, saúde e diversão e espelhar este pensamento para o jornalismo esportivo. A cobertura esportiva, um dos principais serviços da editoria, é vista pelo público como entretenimento, e isso, de acordo com Mariana Corsetti Oselame (2010), se deve, em parte, pelo descaso dos profissionais de comunicação que trabalham na área.

Quando a lógica da produção é o entretenimento, o compromisso com os princípios e técnicas básicas do jornalismo – apuração, checagem dos fatos, relacionamento com as fontes, busca pela verdade e preocupação com a ética e o interesse público – tende, aos poucos, a desaparecer. (OSELAME, 2010, p. 64)

Para comprovar sua teoria, a autora dá como exemplo a preferência do Globo Esporte, programa televisivo de jornalismo esportivo, em transmitir reportagens sobre

curiosidades da vida pessoal dos atletas ao invés de focar em reportagens sobre os motivos das vaias a dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol<sup>2</sup>.

Outra dificuldade imposta pela profissão é a de estar preparado para enfrentar grandes pressões. A primeira razão advém do próprio público que, de acordo com Coelho (2004, contracapa), costuma tratar o comentarista esportivo ou repórter esportivo como ‘mero palpiteiro’.

O fato de o esporte possuir um número grande de aficionados que entendem muito do assunto, aumenta ainda mais a responsabilidade do jornalista esportivo, que tem de se aprofundar ainda mais para demonstrar mais conhecimento, pois qualquer erro será notado pelos fãs do esporte, desqualificando seu trabalho. (NETTO, ano, p. 12)

A segunda razão é advinda da grande responsabilidade, não apenas jornalística, mas “sentimental” ou emocional que o jornalista esportivo carrega. Afinal, o esporte, em especial o futebol, no caso do Brasil, que é chamado de “o país do futebol”, vai além da notícia, ele envolve paixão. Para SOUZA (2013), o futebol é:

uma paixão nacional, que envolve multidões em diversas regiões do Brasil, unificando culturas, crenças, aplacando diferenças, abrandando guerras, provocando novas disputas, batalhas, discussões, [...] tumultos, confusões, discussões fervorosas, brigas, separações e até mortes. (SOUZA, 2013, p. 11-12)

Devido a isso, é sobre este esporte em especial, o futebol, que prevalecem os estudos e coberturas esportivas, relegando-se outros esportes apenas para momentos de eventos esportivos mais badalados, a não ser em transmissões de canais de TV especializados.

E não é apenas a paixão do público que é tratada, mas também a do próprio jornalista, um ser humano que, muitas vezes, escolheu essa área justamente por ser torcedor e gostar muito de esporte (SILVEIRA, 2009). Todavia, ao trabalhar na área, o jornalista deve deixar seu lado torcedor de lado para não distorcer a notícia.

---

<sup>2</sup> Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2014, Ricardo Teixeira foi acusado de receber R\$ 16,3 milhões de uma empresa suíça, atualmente falida, em troca do direito de explorar o marketing da Fifa. Além disso, ele esteve envolvido em denúncias de que, como pessoa física, poderia embolsar todo o lucro que fosse gerado pelo Mundial de 2014 realizado no Brasil. (OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão Globo de jornalismo esportivo, 2010, p. 70)

O espaço para o jornalismo esportivo é cada vez maior e só tende a aumentar. Essa afirmação pode ser feita baseada no contexto brasileiro de realização de megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo FIFA. A cobertura do evento em 2014 teve, no principal canal de TV paga do Brasil, o SportTV, 620 profissionais credenciados<sup>3</sup>. Somado aos outros profissionais de TV, rádio, jornal e *Internet*, tanto brasileiros quanto internacionais, a Copa de 2014 teve cerca de 20 mil profissionais credenciados, batendo o recorde em megaeventos. Destes, apenas 20% eram brasileiros<sup>4</sup>. Porém, Coelho (2003) afirma que faltam profissionais especializados em outras modalidades esportivas, além do futebol. Em seu livro, o autor critica o fato de o mercado apenas permitir a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo e, por vezes, de tênis.

De acordo com Ribeiro (2014), outro ponto que tem feito a diferença para mudar a imagem do jornalista esportivo é:

a habilidade do esporte em transpassar os assuntos e em caber em diferentes tipos de mídia. Aproximando o jornalismo esportivo de outras temáticas jornalísticas, os limites são rompidos e ficam mais indefinidos. Vale lembrar que a cobertura de esportes possibilita ao repórter um diálogo muito grande com qualquer tipo de assunto – seja política, economia, sociedade e todas as outras editorias (RIBEIRO, 2014, p. 52)

A Copa do Mundo FIFA 2014 pode, novamente, ser usada de exemplo neste quesito, devido a heterogeneidade de assuntos abordados na sua cobertura. A mídia não apenas cobriu as questões ligadas somente ao esporte e ao time da seleção brasileira, como também as manifestações com cunho político e social, as questões de gasto público, entre outros assuntos de interesse da população. Jornalismo de esportes é e deve ser, antes de qualquer outra coisa, jornalismo (RIBEIRO, 2014). O papel do jornalista esportivo é a extensão do cumprimento da função jornalística, de informar e promover o debate público.

---

<sup>3</sup> SPORTV. SporTV escala 620 profissionais para cobertura da Copa do Mundo. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/SporTV-na-Copa/noticia/2014/05/sportv-escala-600-profissionais-para-cobertura-da-copa-do-mundo.html> Acesso em: 26 maio 2018.

<sup>4</sup> ABI – Associação Brasileira de Imprensa. Copa do Mundo no Brasil tem número recorde de jornalistas credenciados. Disponível em: <http://www.abi.org.br/copa-do-mundo-no-brasil-tem-numero-recorde-de-jornalistas-credenciados/> Acesso em: 26 maio 2018.

Todos os autores de publicações sobre o tema “jornalismo esportivo” (manuais, em sua maioria), fazem questão de salientar que não se pode nem se deve considerar o gênero algo em separado dos preceitos e práticas das demais editoriais. Embora todos acreditem que, com a dose de emoção que caracteriza o esporte, fica sempre difícil não enxergá-lo com algumas “liberdades”. O que, em princípio, não deveria e nem poderia significar a distorção dos critérios de notícia e responsabilidade diante do público que busca informação (GUERRA *apud* MOTTA, 2014, p. 161).

Silveira (2009) aponta que a editoria esportiva tem a objetividade, mesmo que seja uma meta bastante relativa no jornalismo em geral, como uma de suas principais dificuldades. E, para a autora, esta virtude é mais do que necessária, afinal o jornalista é também um influenciador de opiniões. Entretanto, também existe muito espaço para análise e opinião na editoria, instâncias destinadas a profissionais mais experientes, que ganham o papel de comentaristas. Esta área opinativa, alicerçada na participação dos comentaristas esportivos, conta ainda menos com a participação feminina do que as áreas de reportagem e apresentação.

De acordo com Coelho (2003), as redações de esporte do país têm em torno de 10% de mulheres, e esse baixo índice de feminização nas redações esportivas é reflexo do interesse da população. “Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações” (COELHO, 2003, p. 34).

Complementando o autor, é possível afirmar que a falta de mulheres, tanto no jornalismo esportivo quanto nos ambientes relacionados ao esporte, se deve também ao imaginário social coletivo de uma sociedade machista ocidental que, de acordo com GONÇALVES (1998) *apud* SOUZA (2008), considera o domínio masculino como algo público, com princípios de força e racionalidade; e o domínio feminino como o privado, o doméstico, tendo como principais características a fragilidade, emoção e passividade. Como as conquistas esportivas estão comumente associadas à velocidade, força e resistência, o homem é favorecido neste campo. Em virtude disso, ainda é bastante comum ouvir, por exemplo, que “mulher não entende de futebol”, o esporte mais apreciado no Brasil. Esse tipo de pensamento preconceituoso faz com que as mulheres não tenham ou percam credibilidade na área. E isso se aplica perfeitamente à especialidade do jornalismo esportivo.

Em Curitiba, recorte espacial deste trabalho, a situação não é diferente. Incluindo a frequência AM e FM, Curitiba tem 27<sup>5</sup> emissoras de rádio e 22<sup>6</sup> de televisão. Destas, apenas quatro emissoras de televisão e cinco de rádio transmitem cobertura esportiva local e, dentre os 74 jornalistas que trabalham na área, apenas 9<sup>7</sup> são mulheres, enquanto 65 são homens. Confira na tabela abaixo:

**TABELA 1** – Número de jornalistas por gênero atuantes nas redações esportivas de rádio e televisão em Curitiba - PR

EMISSORA	HOMENS	MULHERES
RPC (Globo)	11	3
Rede Massa (SBT)	6	1
Paraná Educativa	6	1
CNT	5	4
Banda B AM	10	1
BandNews	2	-
Transamerica	13	-
CBN FM <sup>8</sup>	1	-
CBN AM	11	-

Autora: Fernanda Ramos Glinka (2018)

Não entraram na conta desta tabela as rádios e canais televisivos de clubes de futebol.

Para tentar compreender a razão deste número desequilibrado de homens e mulheres nas coberturas esportivas televisas e radiofônicas, vamos entender mais sobre ambos os meios no decorrer deste capítulo.

<sup>5</sup> Wikipédia. Emissoras de rádio de Curitiba. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Estações\\_de\\_rádio\\_de\\_Curitiba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Estações_de_rádio_de_Curitiba) Acesso em: 30 maio 2018

<sup>6</sup> Portal BSD. Lista de canais de Curitiba – PR. Disponível em: [http://www.portalbsd.com.br/terrestres\\_channels.php?channels=67](http://www.portalbsd.com.br/terrestres_channels.php?channels=67) Acesso em: 30 maio 2018

<sup>7</sup> Apesar de a soma da tabela resultar em 65 profissionais, sendo 10 mulheres, a jornalista esportiva que trabalha na Banda B também trabalha na CNT, não sendo somada duas vezes para a conta total.

<sup>8</sup> A CBN FM declarou chamar, esporadicamente, mulheres para apresentar os programas esportivos quando o único repórter responsável não dá conta das funções.



### 2.3 JORNALISMO ESPORTIVO NO RÁDIO

Não existem registros sobre quem criou e/ou fez a primeira transmissão radiofônica no mundo. No Brasil, o Padre Landell de Moura foi pioneiro na transmissão de voz, fazendo sua primeira locução em 1894. Para muitos estudiosos, o surgimento do rádio serviu para quebrar barreiras da comunicação e disseminar informações. "O rádio é um meio de comunicação que tem capacidade de atingir um grande público, anônimo e heterogêneo. Está ao alcance da maioria da população e atinge regiões mais afastadas dos centros urbanos". (FERREIRA, 2013, apud MAKOVICS, 2003)

As primeiras experiências jornalísticas na rádio brasileira foram feitas por Roquette-Pinto, em 1923, no Rio de Janeiro. O médico, antropólogo e educador foi quem convenceu a Academia Brasileira de Ciências a comprar os equipamentos que transmitiram o discurso do presidente e, também, quem fundou a primeira estação de rádio brasileira: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC. Conhecido como pai da radiofusão do Brasil, Roquette lia as notícias dos jornais impressos da época, as compreendia e então fazia a transmissão das notícias mais importantes. Este método funcionava, até então, de maneira satisfatória, porém a esperada melhoria nos processos não chegou. Atualmente, ainda existem jornais radiofônicos que fazem "releitura" das notícias. Para Milton Jung (2004, p.16) este erro é "provocado pela falta de pessoal, de tempo, criatividade e de vergonha na cara" dos próprios jornalistas.

A falta de pessoal pode ser, atualmente, facilmente observada a partir dos estudantes de jornalismo nas universidades - os novos jornalistas não se interessam mais, em sua maioria, pelo rádio, mas sonham em se tornar âncoras de famosas emissoras de televisão. A questão do tempo decorre do fato de o jornalismo ser feito a partir do compromisso com a agilidade, já que notícias antigas não agradam e não são relevantes para o ouvinte. Sobre a criatividade, é importante frisar que se observa uma tendência entre os novos profissionais da área em não se preocupar em trabalhar a notícia ou adicionar novas ideias, apenas reproduzir o mesmo. Mas, principalmente, Jung (2004) fala de "falta de vergonha na cara", pois muitos jornalistas de rádio não se esforçam em transmitir informações novas e de qualidade. É claro que essas observações não podem ser estendidas aos bons profissionais da área. Jung (2004, p.17-18) afirma que a reprodução de notícias sem a devida apuração, como é feita em parte das emissoras de rádio, é exemplo de falta de ética e pode ser chamada de

cópia, plágio ou pirataria, jamais de jornalismo. De acordo com o Artigo 6, parágrafo IX do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros<sup>9</sup>, é fundamental “respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas”.

Apesar dos diversos problemas do meio, o rádio é muito importante, pois é o meio de comunicação de massa que mais atinge pessoas, estando presente em 96% do território nacional, com público aproximado de noventa milhões de ouvintes (JUNG, 2004). Ainda assim, a relevância do rádio para a informação do brasileiro não é traduzida em prestígio.

Ferraretto (2013) constata que o surgimento e expansão da televisão alterou a realidade da radiodifusão brasileira. Ainda mais pelo fato de vivermos em uma sociedade fascinada pela imagem. Este desafio enfrentado pelos jornalistas de rádio que utilizam apenas da voz para se comunicar com o público é enfatizado no livro *Introducción al conocimiento y práctica de la radio*, de Maria Cristina Romo Gil (1987). No livro, a autora aponta que um conteúdo emitido apenas de uma fonte verbal é retido apenas 60% após três horas da emissão e apenas 10% depois de três dias. Para conteúdos apenas ilustrativos, os índices sobem para 72% e 20%. Em conteúdos audiovisuais, como é o caso da televisão, sobem para 85% e 65%. Por este motivo, o rádio precisa, mais do que qualquer outro veículo, ser claro e preciso, considerando as dificuldades impostas pela própria característica do veículo e as distrações que o público enfrenta ao ouvir os programas radiofônicos – já que, normalmente, eles são ouvidos durante o trânsito. Este problema se reflete diretamente no jornalismo esportivo de rádio, principalmente quando se trata de transmissão de jogos e eventos esportivos, em que os jornalistas precisam fazer com que o ouvinte veja o jogo através da sua voz.

Eu precisava dar ao ouvinte que estava ligado com seu rádio galena à minha transmissão a ideia do que ia acontecer. Não imaginava como poderia fazer isso até que cheguei ao estádio e busquei em uma caixinha de fósforo a melhor forma de descrever o campo de jogo. Falei: imaginem, ouvintes, uma caixa de fósforo ou pensem num retângulo. Ao abrir o microfone, disse: estou aqui no reservado da imprensa, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou transmitir para vocês que me ouvem o relato fiel do que vai acontecer

---

<sup>9</sup> FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: [http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf) Acesso em: 26 maio 2018

em campo. Do lado direito da caixinha estão os paulistas e, do esquerdo, os paranaenses. (MOTTA apud GUERRA, 2004, p. 5)

Ainda assim, o rádio conta com a vantagem de ser mais rápido que o jornal impresso e a televisão, já que a notícia pode ser dada quase que no momento do fato, precisando apenas de uma ligação para estar ao vivo cobrindo a notícia.

Os primeiros narradores de eventos esportivos no rádio surgiram no final da década de 1920, com registros sobre os acontecimentos relacionados ao esporte, nos dois grandes centros do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Desde então, a figura do narrador passou a ser algo cultural. A primeira transmissão de um jogo completo de futebol foi em 1931, por Nicolau Tuma, na Rádio Educadora de São Paulo, sem auxílio de comentaristas e repórteres (COSTA, 2016). De acordo com o autor:

A popularidade do jogo ao vivo pelo rádio foi atestada pela primeira vez com mais intensidade em 1938, na primeira transmissão de uma Copa do Mundo feita por Gagliano Neto, locutor da Rádio Clube do Brasil, do Rio de Janeiro, à época capital federal. Nos dias de jogos, era decretado feriado para que o público se reunisse, nas praças da cidade, em torno de alto-falantes que reproduziam a narração ao vivo, direto da França. (COSTA, 2016, p. 17-18)

Foi quatorze anos depois da primeira transmissão, mais precisamente em 1945, na capital paulista, que as transmissões esportivas se tornaram mais abrangentes e contextualizadas. Não eram transmitidos mais apenas jogos, mas também o antes e depois dos torneios, “tomando os contornos do que se conhece hoje por grande jornada esportiva” (COSTA, 2016, p. 18). Esses se tornaram os programas de rádio preferidos dos brasileiros.

Os noticiários esportivos e transmissões esportivas são as duas categorias de programas preferidas dos ouvintes quando a amostra da pesquisa é apenas o sexo masculino e ocupam, respectivamente, a terceira e a quarta posição quando o levantamento abrange ambos os sexos. A pesquisa mostra ainda que a programação e a transmissão esportiva atingem todas as classes sociais e faixas etárias, sendo que 47% dos ouvintes de noticiários esportivos pertencem às classes A e XII SIMPEP – Bauru, SP, Brasil, 07 a 09 de novembro de 2005 B, 35 % à classe C e 19 % às classes D e E. Quanto à faixa etária, 58 % têm entre 20 e 49 anos, 26 % possuem 50 anos ou mais e 16 % têm entre 10 e 19 anos. (RITNER e SINEGAGLIA, 2005, p. 1-2)

Mesmo com os altos índices apresentados pelo autor, não é segredo para ninguém que o rádio esportivo já viveu seus melhores momentos na década de 1980, com números incríveis de audiência e equipes de qualidade que “brigavam” de igual para igual<sup>10</sup>. Antes desta época, mais precisamente em 1970, Roberto Montoro, dono da Rádio Mulher, criou a primeira equipe esportiva 100% formada por mulheres. Elas trabalhavam dentro e fora das transmissões e permaneceram no ar durante cinco anos<sup>11</sup>. Infelizmente, em Curitiba (PR), recorte espacial desta pesquisa, esta valorização da mulher como jornalista esportiva radiofônica ainda não é prevalente, como é possível perceber na Tabela 1, citada anteriormente.

A decadência do jornalismo esportivo radiofônico pode ser claramente vista na capital paranaense quando, no início de 2016, a equipe local da CBN Curitiba encerrou seus trabalhos, acentuando o processo de drástica redução da cobertura esportiva das rádios<sup>12</sup>. Com isso, sobraram apenas duas emissores com transmissão esportiva local em Curitiba: a Banda B, na frequência AM, e a Transamerica, na FM. Em entrevista para o jornal *Gazeta do Povo*, Rogério Afonso, diretor geral da Transamérica, disse encarar a má fase como uma luta na qual a rádio arca com um custo muito alto, porém ele acredita que com determinação e criatividade é possível superar isso. Atualmente, a CBN, tanto na frequência AM quanto FM, voltou a oferecer informação relacionada ao esporte, mas dessa vez com profissionais terceirizados, e não mais contratados pela emissora.

O bom humor, que já começava a dialogar com a informalidade, dividia espaço com o tom dramático da narrativa. (...) Foram essas as maneiras que as emissoras de rádio encontraram para poder disputar a audiência e as cotas de patrocínio com as emissoras de TV, que começavam a se instalar no país e, através do recurso da imagem, primeiro em videotape, depois em transmissões ao vivo, passava a adquirir muito apoio e, por alguns anos, foi tido como um possível responsável pelo fim das transmissões radiofônicas, não apenas as esportivas. (COSTA, 2016, p. 19)

---

<sup>10</sup> Rádio e negócios. A transmissão de futebol no rádio brasileiro. Disponível em: <https://radioenegocios.com.br/transmissao-de-futebol-no-radio-brasileiro/> Acesso em: 29 maio 2018.

<sup>11</sup> Travinha Esportes. A televisão e a evolução do jornalismo esportivo. Disponível em: <http://travinha.com.br/2016/01/13/capitulo-3-a-televisao-e-a-evolucao-do-jornalismo-esportivo/> Acesso em: 02 jun 2018.

<sup>12</sup> Gazeta do Povo. Cenário desafiador faz minguarem as transmissões esportivas nas rádios de Curitiba. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/cenario-desafiador-faz-minguarem-as-transmissoes-esportivas-nas-radios-de-curitiba-67jry66ra1aav1f814xr5cplz> Acesso em: 28 maio 2018.

Ainda assim, o rádio continua vivo e está presente nos carros, casas e até mesmo nos estádios. E mesmo com os desafios que a televisão trouxe, o rádio continua sendo o meio que mais conquista o emocional do receptor.

## 2.4 JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO

Ribeiro (2014) apresenta duas grandes definições para a televisão. A primeira, citando Betti (2002), de que a televisão é o veículo mais importante para entendermos as relações entre o esporte e a mídia; e a segunda, citando Wolton (1996), de que ela é realmente uma atividade de comunicação social, porque é o principal instrumento de percepção da realidade para a maioria da população. Ambas as explicações podem ser confirmadas ao avaliarmos a progressão da televisão no Brasil.

A televisão chegou em território brasileiro em 1950 pelas mãos de Assis Chateaubriand, também fundador do primeiro canal do país: a TV Tupi, em São Paulo. O empresário conheceu o aparelho nos Estados Unidos e, dois meses depois do Maracanazo<sup>13</sup>, decidiu trazê-lo para o Brasil. E não tardou para o esporte adquirir seu espaço. Em outubro do mesmo ano foi transmitida a primeira partida de futebol, seguida da transmissão de uma corrida de cavalos. Diferentemente do rádio, a cobertura esportiva realizada pela televisão não continha, inicialmente, emoção. Para Guerra:

a cobertura realizada pela televisão era considerada monótona, sem emoção. Isto se devia, em parte, à falta de recursos da época – os jogos eram transmitidos por apenas duas câmeras, uma teleobjetiva e uma zoom – limitava a narrativa, tornando-a presa ao que o telespectador estava vendo (GUERRA, 2006, citado por MOTTA, 2012)

Mas isso mudou com o decorrer do tempo. Novas estratégias foram adotadas, visões de câmera melhoradas e, então, a narração passou a ser mais ilustrativa e o conteúdo mais aprofundado. Mesmo com as mudanças, Gasparino (2014) enxerga a narração esportiva brasileira mais discreta e contida do que no restante da América do Sul. No futebol, principalmente, eles são muito mais incisivos na condução do jogo

---

<sup>13</sup> Termo utilizado para fazer referência à partida final da Copa do Mundo de 1950, a qual o Uruguai venceu o Brasil por 2 a 1 em pleno Maracanã lotado, consagrando-se bicampeão mundial.

e muitas vezes são até confundidos com torcedores com um microfone em mãos (GASPARINO, 2014, p. 25).

Em 1954, já com a televisão em solo brasileiro, a expectativa pela transmissão do Mundial era grande, mas apenas alguns países já possuíam transmissão ao vivo, eram eles: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Suíça. Nesta época, o Brasil ainda teve que se contentar com a transmissão via rádio. Apenas em 1970, na Copa sediada pelo México, o Brasil realizou a sua primeira transmissão ao vivo.

A Copa do México inaugurou a transmissão via satélite, em cores para todo o planeta. No Brasil, muitos dizem ter visto a Copa em cores, mas provavelmente é para contar vantagem, já que o sinal captado e os aparelhos de TV do país eram em preto e branco – as cores eram privilégio de alguns poucos. A primeira transmissão de um jogo em cores só ocorreu em 1972 e envolvia a Seleção de Caxias do Sul (RS) contra o Grêmio. Outra novidade seria o replay instantâneo dos principais lances, poucos instantes depois após eles acontecerem. (GASPARINO *apud* RIBAS, 2010, p. 159).

A partir desse evento esportivo, de acordo com GASPARINO (2013), um novo panorama se criou. Os canais com maior recurso aquisitivo conseguiam uma transmissão mais completa, obtendo, muitas vezes, exclusividade do produto transmitido. Atualmente esse é o caso da Globo. A emissora consegue, com frequência, a exclusividade na transmissão de diversos campeonatos.

Complementando o autor, é possível afirmar também a divisão de público a partir da classe econômica, separando as melhores informações para os que têm maior poder aquisitivo, já que os canais de televisão fechada, que tiveram início em 1991, transmitem informações mais completas e variadas do que os de televisão aberta. Na TV aberta o esporte se faz presente em forma de notícia, transmissão ao vivo, programas esportivos e reportagens variadas dentro da programação jornalística, enquanto na fechada os canais agrupam transmissão ao vivo, reprise, telenoticiários esportivos, programas que mesclam humor e notícia, “revistas”, boletins informativos, programas de mesa-redonda e de entrevista. Os dois meios (TV aberta e fechada) possuem quatro canais principais sobre esportes.

No final da década de 70, os dirigentes dos clubes de futebol começaram a reivindicar parte dos lucros das transmissões de jogos realizadas pela televisão, o

chamado “direito de arena”. Esta cobrança por parte dos clubes foi oficializada em 1998, na Lei 9.615, conhecida como Lei Pelé, que regulamenta atividades desportivas e, de acordo com sua natureza jurídica, confirma o pertencimento “às entidades de prática desportiva o direito de arena, consistente na prerrogativa exclusiva de negociar, autorizar ou proibir a captação, a fixação, a emissão, a transmissão, a retransmissão ou a reprodução de imagens, por qualquer meio ou processo, de espetáculo desportivo de que participem”<sup>14</sup>. Ou seja, as emissoras de televisão só podem transmitir partidas previamente negociadas com os clubes do jogo em questão, podendo estes aceitar ou não os valores oferecidos pela compra dos direitos de transmissão.

Assim como a Rede Globo, sua filiada no estado do Paraná, a Rede Paranaense de Comunicação (RPC), é a emissora que mais detém poder sobre a cobertura esportiva local, tendo um contrato de preferência nas transmissões do Campeonato Paranaense de Futebol até 2019. Ainda assim, a hegemonia da televisão aberta sobre os clubes de futebol está diminuindo. Prova disso foi o Atletiba<sup>15</sup> do dia 1º de março de 2017 que, após ambos os clubes negarem o valor de quase R\$ 1 milhão por três anos de transmissão do clássico, foi transmitido ao vivo via *Internet*, no *Youtube*. Depois desta data, Atlético-PR e Coritiba se reencontraram nas finais do Campeonato e a disputa do título, em dois jogos, também contou com a transmissão via redes sociais. Com isso, abriu-se uma nova perspectiva de transmissão esportiva nunca pensada antes, uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais.

Como o recorte deste trabalho está voltado para a compreensão do funcionamento do jornalismo esportivo radiofônico e televisivo e a atuação da mulher jornalista nestes campos, esta pesquisa não se aprofundará na cobertura esportiva online e nem nas novas alternativas de transmissão.

---

<sup>14</sup> Jus. Natureza jurídica do direito de arena. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/11083/natureza-juridica-do-direito-de-arena>. Acesso em: 17 jun 2018.

<sup>15</sup> Atletiba é o nome dado à partida de futebol entre os times Atlético Paranaense e Coritiba, principais equipes da capital paranaense.

### 3 TRAJETÓRIA FEMININA: A MULHER COMO PROFISSIONAL

Como estamos abordando as mulheres jornalistas nas redações, veremos neste capítulo como se deu a evolução profissional feminina, desde a entrada da mulher no mercado de trabalho, no século XVIII, até os dias de hoje. Para facilitar a compreensão deste trajeto, serão destacados alguns pontos importantes da história, como a Revolução Industrial e o Iluminismo, assim como pensamentos de filósofos conceituados, como Marx.

Em seguida, será analisada a inserção feminina no jornalismo e, então, na cobertura esportiva. Para compreender de maneira mais assertiva a disparidade numérica de mulheres no campo especializado do jornalismo esportivo, será necessário também contextualizar a história da mulher no esporte.

#### 3.1 ATUAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO

A entrada efetiva da mulher no mercado de trabalho teve início após a Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII, que iniciou o processo de produção de mercadorias em grande escala com a utilização de maquinário. O processo “marcou a introdução da família na engrenagem de produção, transformou a mulher em força de trabalho, faz dela uma operária” (TOLEDO, 2008, p. 37). Outro fator importante no crescimento da presença feminina no processo industrial foi o interesse capitalista dos donos de fábricas, que enxergavam a mulher como mão de obra barata. O capitalismo usou a divisão sexual e a desigualdade de gênero para estimular a competição entre os trabalhadores e baixar o nível dos salários.

A maquinaria, ao tornar inútil a força do músculo, permite empregar trabalhadores sem força muscular ou sem um desenvolvimento físico completo, que possuem, no entanto, uma flexibilidade em seus membros. O trabalho da mulher e da criança foi, portanto, o primeiro grito da aplicação capitalista da maquinaria. Desse modo, aquele instrumento gigantesco criado para eliminar trabalho e operários se convertia imediatamente em meio de multiplicação do número de assalariados, colocando todos os indivíduos da família operária, sem distinção de idade ou sexo, sob a dependência imediata do capital. (MARX *apud* TOLEDO, 2008, p. 37-38)



Assim, a saída da mulher para o mercado de trabalho, que poderia proporcionar sua emancipação, virou sinônimo de opressão e superexploração, impondo uma dupla jornada de trabalho e uma duplicação de sua alienação enquanto trabalhadora. Foi somente depois de inúmeras manifestações operárias em todo o mundo, que as legislações de diversos países proporcionaram garantias trabalhistas às mulheres. No Brasil, isso ocorreu apenas a partir de 1930, durante o governo Vargas, no período chamado Segunda República. Entretanto, mesmo com esta conquista, o trabalho feminino nas fábricas continua a ser um ambiente difícil.

De modo geral, a especialidade da mulher no capitalismo, segundo Toledo (2008), é ser operadora de máquina, exercer as tarefas mais mecânicas e repetitivas, não assumir cargos que exijam decisão e responsabilidade, enfim, ser um trabalhador não qualificado. Mesmo que boa parte deste quadro tenha sido alterado no chamado Primeiro Mundo, ele se repete e se agrava no Terceiro Mundo, ao lado de outras aberrações como o trabalho infantil e o trabalho escravo. A exploração da força de trabalho feminino também ocorre para que a mulher não abandone as tarefas de reprodução e da mão de obra no lar, ao continuar se ocupando de tarefas domésticas. Neste sentido, a mulher, trabalhadora e dona de casa, também supre as deficiências do Estado em relação aos serviços públicos, recebe salários precários e representa mão de obra barata e descartável.

O trabalho doméstico está no cerne da opressão feminina e enquanto o casamento incluí-lo como um mecanismo, através do qual serviços são prestados gratuitamente e crianças geradas e criadas, tendo uma mulher como responsável, a opressão dessa, com ou sem propriedade, com ou sem a alternativa de um trabalho assalariado, parece inevitável. (PENA, 1981, *apud* TOLEDO, 2008, p. 52)

Dados dos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram um aumento constante e significativo na participação de mulheres na População Economicamente Ativa (PEA) brasileira a partir de meados do século XX. Entretanto, ainda de acordo com o último Censo Demográfico (2010), o número de mulheres ativas profissionalmente no país é baixo, 54,6%, enquanto o de homens é de 75,7%, sendo que 19,2% delas possuíam ensino superior completo ao passo que apenas 11,5% dos homens o concluíram. Apesar do crescimento de mulheres em atividade em comparação ao penúltimo censo (2000), elas ainda

continuam desparelhas aos homens em diferentes campos profissionais, mesmo com mais instrução.

Aspectos como a oferta de creches impacta diretamente na autonomia das mulheres e suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. O mesmo censo mostra que apenas 65,4% das mulheres de 16 anos ou mais com filhos de 0 a 3 anos em que todos frequentam creche estão presentes no mercado de trabalho, número ainda superior ao de mulheres cujos filhos não frequentam (41,2%) ou apenas algum filho frequenta (40,3%). Toledo (2008) afirma que:

O trabalho doméstico agrava o processo de alienação vivenciado pela mulher no mercado de trabalho e no conjunto das relações sociais. A autora entende que ele, além de embrutece-la, porque toma-lhe o tempo ao aprimoramento intelectual e artístico, à participação político e social, a separa da produção material do conjunto da sociedade ou reserva-lhe um lugar subalterno. (TOLEDO, 2008, p. 54)

Bruschini (1998) atribui à família patriarcal e à constante delegação das responsabilidades domésticas e socializadoras às mulheres o fato de haver uma rasa participação feminina no mercado de trabalho. A autora ainda reforça o fato de que a oportunidade de emprego para as mulheres depende de outros diversos fatores além da demanda do mercado e das suas necessidades e qualificações para atendê-la, o que não ocorre no caso dos homens.

A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como a características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Fatores como esses afetam a participação feminina, mas não a masculina, no mercado de trabalho. (BRUSCHINI, 1998, p. 4)

As estatísticas atuais são reflexo da lenta inserção feminina na sociedade. Grandes filósofos do período do Iluminismo, como Rousseau e Kant, reforçavam o papel feminino como o de um ser subordinado e inferior ao masculino, não reconhecendo as mulheres como seres atuantes da história e, portanto, restringindo-as da busca pelo saber (GASPARI *apud* RODRIGUES, 2016). As ideias iluministas de romantismo também agravaram essa discriminação, já que a mulher era retratada

como frágil, emotiva, incapaz e, portanto, inferior e passiva. Rodrigues (2016) afirma que o preconceito às mulheres, evidenciado por vários filósofos, contribuiu para sua não aceitação no espaço público protelando o acesso às oportunidades.

Historicamente, as barreiras também aumentaram no século XIX à medida que avançavam a industrialização e a incorporação da força do trabalho masculino, sendo as mulheres expulsas até mesmo dos trabalhos que, teoricamente, já haviam realizado nas fábricas. Para Rodrigues (2016), um fato que chama a atenção é a frequente associação entre a mulher no trabalho e a questão da moralidade social, já que diversos setores destacam em seus discursos que o mundo do trabalho representava uma ameaça à honra feminina.

Com o surgimento do feminismo<sup>16</sup>, como movimento social que ganha visibilidade em meados do século XX (apesar de várias manifestações nesta linha terem ocorrido anteriormente), a igualdade e a busca pela emancipação ganharam destaque. O feminismo chegou no Brasil de forma mais abrangente, especificamente em São Paulo, em 1972, e pouco a pouco foi ganhando espaço em fóruns nacionais de debate.

A partir disso, muitas mulheres conseguiram conquistar postos de trabalho antes só ocupados por homens, como cargos políticos, por exemplo. Com a crise familiar da sociedade, muitas passaram a exercer o cargo de chefes de família também (RODRIGUES, 2016). Ainda assim, o espaço da mulher continua restrito e, muitas vezes, menosprezado, com a sociedade brasileira apresentando áreas profissionais consideradas femininas, como a educação e os serviços de saúde ligados à enfermagem, por exemplo, com salários mais baixos. Carvalho afirma que:

A maioria das mulheres está se qualificando em atividades que têm sido tradicionalmente ligadas ao universo feminino e que as remete normalmente à lugares secundários, de assessoria ou de cuidados dos fragilizados, e que sustentam os estereótipos de profissões de pouca valorização. (CARVALHO, 2005, p. 8)

---

<sup>16</sup> O movimento feminista organizado surgiu nos Estados Unidos na segunda metade dos anos 1960. O objetivo do movimento era, além de garantir igualdade de direitos, promover a visão da mulher como a de um indivíduo autônomo e independente.

Na área de educação, no Brasil, as mulheres representam 83% da força de trabalho, isso porque o magistério é considerado como uma extensão da maternidade, na qual o papel de educadora e cuidadora conferido à mulher mantém-se intacto.

Mas não é apenas como profissional que as mulheres são maioria nas escolas e universidades. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2014, realizada pelo IBGE, apontam que das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais de idade, 18,8% possuíam Ensino Superior completo, enquanto para homens, na mesma categoria, esse percentual é de 11%. A pesquisa indica ainda que as mulheres são maioria para Ensino Médio completo ou Superior incompleto: 39,1% das mulheres se enquadram nessa categoria, contra 33,5% dos homens<sup>17</sup>.

Sendo assim, mesmo com o aumento de mulheres escolarizadas e economicamente ativas, ainda é necessário elevar o nível de valorização de áreas profissionais que concentram maior número de mulheres, bem como, romper com motivações de ordem social, econômica ou cultural que influenciam a escolha profissional e delegam os salários mais altos e cargos hierarquicamente mais importantes aos homens.

### 3.2 A MULHER NO JORNALISMO

Apesar de o ingresso feminino no jornalismo brasileiro ter ocorrido em 1930, até o início dos anos 1970 encontrar jornalistas mulheres em atividade era raridade. RIBEIRO (1998) documentou a história da imprensa paulista, local sempre à frente quando o assunto é equidade de gênero, e registrou as más condições de trabalho das mulheres na época.

Uma das situações mais tenebrosas que havia na imprensa de São Paulo (e do Brasil), em 1937, era a discriminação contra a mulher. As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homens. Nem havia banheiro feminino. No "Estadão", à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser

---

<sup>17</sup> Governo do Brasil. Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao> Acesso em: 7 setembro 2018.

telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço." (RIBEIRO, 1998, p. 31)

A primeira mulher repórter no país, conforme dados oficiais do Sindicato de São Paulo, foi Margarida Izar. Segundo Ribeiro (1998, p. 40), antes de Margarida, mulher em redação trabalhava mais em culinária, suplemento feminino, sociais, os chamados assuntos “de cama e mesa”. Apenas depois dela foi que as mulheres começaram a ir para a rua como repórteres. Ainda nesta época, outras mulheres foram conquistando espaço, entre elas Dinorath do Valle, Isa Leal, Micheline Gaggio Frank e Terezinha Monteiro. Contudo, a entrada definitiva das mulheres nas redações se deu apenas em meados de 1970. (ROCHA, 2004)

Alzira Alves de Abreu Dora Rocha, em “Elas ocuparam as redações” (2006), encara a entrada das mulheres no meio jornalístico como um fenômeno geral da sociedade, uma tendência observada em todo o país.

Se fizermos um estudo de outras profissões, como medicina, arquitetura, direito, pesquisa científica, veremos que até 30 anos atrás elas também pertenciam ao mundo masculino (...) Se, pelo censo de 1950 as mulheres representavam 15,6% da população economicamente ativa, em 2002, de acordo com os dados do Pnad, esse percentual atingiu 43%. O nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens, o que é um outro dado importante para a explicação do aumento da participação feminina no jornalismo. (DORA ROCHA, 2006, p.9)

Segundo dados do Sindicato de Jornalismo, no final da década de 1990 o Grupo Abril empregava mais de 500 mulheres. Era a maior empregadora de jornalistas mulheres do país, apesar do número ainda baixo de mulheres na profissão, com um faturamento de 4 milhões de dólares por ano (ROCHA, 2004, p. 87). Já em 2015, de acordo com relatório do Projeto de Monitoramento Global dos Meios (GMMP, em inglês), organizado pela Associação Mundial para a Comunicação Cristã (WACC, em inglês) e em parceria com a ONU Mulheres, 41% dos jornalistas no continente eram mulheres. Ao analisar os diferentes meios, é possível perceber que a concentração de jornalistas mulheres é maior na televisão, representando 50% dos repórteres, enquanto o mesmo cargo na imprensa escrita e no rádio representam apenas 47% e 36%, respectivamente. Ainda assim, estes números representam um crescimento

significativo se comparado ao percentual do ano 2000. (DEL VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017)

Conforme informações divulgadas na pesquisa “Perfil profissional do jornalista brasileiro”, que coletou, no ano de 2012, respostas de 2.731 jornalistas, de todas as unidades da federação, a partir de um questionário online, os jornalistas brasileiros atuais são majoritariamente mulheres brancas, solteiras e com até 30 anos.

Apesar deste crescimento relativamente rápido no campo jornalístico, a dupla jornada feminina – enfatizada no subcapítulo anterior – faz com que as mulheres sofram para conciliar a densa rotina de trabalho, com a imprevisibilidade de horários e as escalas que impreterivelmente invadem os finais de semana, com as “funções femininas fundamentais” relacionadas ao campo doméstico, como cuidar da casa e dos filhos. Em entrevista ao livro “Elas ocuparam as redações” (2006), a jornalista Fátima Bernardes comenta o fato:

Hoje, se eu recebesse um convite para virar uma editora-chefe do Jornal Nacional, não poderia aceitar. Não teria a disponibilidade de estar, diariamente, de dez – o que significa que a atividade profissional começou antes, óbvio – às 21:30h na televisão (...) Acho que hoje a divisão de trabalho em casa já é melhor – ou seja, já dá para contar com o marido em várias coisas –, mas não é igualitária. A disponibilidade de muitas mulheres ainda não é igual à dos homens, porque ainda se tem aquela concepção de que, quando eles saem de casa para trabalhar, acabou. É a missão deles. E não tem divisão, não tem babá ou empregada que resolva isso, porque um dia a empregada também vai ter problema com o filho dela e vai precisar faltar. Não tem jeito. (DORA ROCHA, 2006, p.271 e 272)

Ter filhos acaba sendo tratado pelo mercado com algo negativo, um fator prejudicial à contratação. A pesquisa “Mulheres no jornalismo brasileiro” (2017), realizada pelo portal *Gênero e Número* em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), aponta que 84,9% das mulheres jornalistas que responderam à pesquisa não possuem filhos com idade menor de 18 anos. A partir deste dado, a pesquisa sugere que, apesar de o jornalismo ter seguido a tendência mundial de absorção da mão de obra feminina, as estruturas organizacionais e o processo de trabalho fazem com que as mulheres responsáveis pelo cuidado dos filhos continuem excluídas. Tal fato reforça a fala de Bruschini (1994) de que a

presença da mulher no mercado de trabalho depende tanto de fatores econômicos quanto da posição que ela ocupa na unidade familiar.

A persistência de um modelo de família no qual cabe à mulher as responsabilidades domésticas e socializadoras determina a necessidade de uma constante articulação entre papéis familiares e profissionais. A disponibilidade dos indivíduos do sexo feminino para o trabalho depende de uma complexa combinação de características pessoais, como a idade e a escolaridade, e de outras relacionadas a família, como o estado civil e a presença de filhos. (BRUSCHINI, 1994, p, 182)

Isto implica diretamente na ausência de mulheres em papéis de chefia. E, apesar do mercado jornalístico ter mudado significativamente nas últimas décadas, ainda são registradas desigualdades salariais e ocupacionais significativas no jornalismo brasileiro: as mulheres tendem a receber salários menores e a ser excluídas dos cargos de maior prestígio e remuneração, conforme dados do Censo de 2010 (ABRAJI, GÊNERO E NÚMERO, 2017). Infelizmente, este fato vai além das barreiras do jornalismo. Apesar de as mulheres representarem, atualmente, 43,8% de todos os trabalhadores brasileiro, elas aparecem apenas em 37% dos cargos de chefia de empresas e em 21,7% do setor público<sup>18</sup>. Dados estes que comparavam que, quanto mais alto o cargo, maior a desigualdade de gênero.

Em seu livro, Travancas (1992) satiriza o fato de ser raro encontrar mulheres jornalistas em cargos de chefia e em editorias como o esporte, enquanto na rua elas são maioria. Para ela, a reposita das mulheres serem maioria na área de reportagem se dá por duas razões: o fato de a mulher ser mais dedicada e esforçada e de seu salário ser geralmente menor. “Se eu tivesse um jornal, nele só colocava mulher” (TRAVANCAS, 1992, p.76).

A mulher trouxe para o jornalismo algo que faltava nas redações quase exclusivamente masculina nas décadas de 50 e 60 (...) o processo de transformação do jornalismo, que deixou de ser uma escada para posições consideradas mais respeitáveis,

---

<sup>18</sup> O Globo. Mulheres estão apenas em 37% dos cargos de chefia nas empresas. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-estao-em-apenas-37-dos-cargos-de-chefia-nas-empresas-21013908>. Acesso em: 13 set 2018.

muito deve àquelas profissionais que se satisfaziam em ser boas jornalistas. (DORA ROCHA, 2006, orelhas)

Um fato que favoreceu – e ainda favorece – o aumento de mulheres no jornalismo é a quantidade de jornalistas recém-formados, cuja maioria é do sexo feminino.

### 3.3 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Diferentemente do que mostram os números gerais de maioria mulheres nas redações brasileiras, apresentados na pesquisa “Perfil profissional do jornalista brasileiro” (2012), o que indica uma feminização do setor jornalístico, as profissionais do gênero feminino são minoria na cobertura esportiva, isso segundo a apuração do “The International Sports Press Survey” (2011). O universo do jornalismo esportivo é autopropetuido como masculino, sendo eles mais de 90% da editoria, com pouco espaço para mulheres atletas, fontes femininas e mulheres jornalistas.

Cresce a cada ano o número de mulheres nas redações, sendo poucas as editoriais que não as incluam (...) Para muitos, a tendência do jornalismo é converter-se numa profissão predominantemente feminina. Para as mulheres a realidade não parece ser tão simples. Embora a maioria afirme não sofrer mais discriminação na profissão, certas áreas continuam fechadas para elas. A editoria de Esportes é apontada por todos como a mais avessa às mulheres. (TRAVANCAS, 1992, p. 90)

De acordo com a pesquisa “Mulheres no jornalismo brasileiro” (2017), com dados baseados no censo de 2010, apenas 4,6% das mulheres estão presentes na editoria de esportes, conforme a seguinte tabela:

**Tabela 2** – Área ou editoria em que as entrevistadas da pesquisa “Mulheres no jornalismo brasileiro” desempenham suas atividades.



NÃO ATUO EM NENHUMA EDITORIA ESPECÍFICA/ATUO EM VÁRIAS EDITORIAS	41,3%	197
POLÍTICA/PAÍS	13,0%	62
CULTURA	9,2%	44
ECONOMIA	8,4%	40
CIDADE	6,7%	32
ESPORTE	4,6%	22
OUTRO (ESPECIFIQUE)	4,2%	20
INTERNACIONAL	2,9%	14
TURISMO, MODA, ESTILO DE VIDA, GASTRONOMIA	2,1%	10
ARTE/INFOGRAFIA	1,9%	9
RURAL E MEIO-AMBIENTE	1,5%	7
CIÊNCIA E SAÚDE	1,0%	5
SEGURANÇA E POLÍCIA	1,0%	5
EDUCAÇÃO	0,8%	4
TECNOLOGIA	0,6%	3
NÃO SABE / NÃO RESPONDEU	0,6%	3
N=477		

Coelho (2003) acredita que o baixo número de mulheres na editoria esportiva é reflexo do interesse da população pelo tema esporte.

Se em um estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação. (COELHO, 2003, p.34)

Esta disparidade nos números – e também no interesse, como citado por Coelho – se justifica por aspectos sociais, culturais e históricos. A educação cultural pode ser compreendida como um processo no qual uma geração exerce influência direta e indireta sobre outra geração, ensinando valores, crenças, opiniões, costumes e tradições (REIS, 2008, *apud* DURKHEIM, 1987). Whitaker (1998), citado por Reis (2008), rotula esta educação como um modelo arquetípico do homem caçador *versus* a fêmea frágil, incentivando, desde o nascimento, a passividade à mulher e o papel ativo ao homem. Desde criança, os meninos são incentivados pela família a praticar esportes e frequentar estádios de futebol, por exemplo, enquanto as meninas são ensinadas a brincar de boneca e casinha.

Ramos (2013) destaca que até mesmo as embalagens de brinquedos que fazem menção ao esporte ou ao raciocínio lógico tendem a expor imagens de meninos executando alguma ação “dita masculina” e relacionada ao jogo, enquanto os

brinquedos representados por meninas são aqueles caracterizados pelo culto à maternidade, domesticidade e cultivo da beleza.

Entretanto, o mesmo aspecto cultural, que incentiva mulheres a cuidar da beleza e incita o culto do belo pela sociedade, pode ser considerado como uma das portas de entrada das mulheres na cobertura esportiva. Não pela sua competência, mas sim por serem “rostos bonitos” que chamam a atenção do telespectador.

As mulheres foram utilizadas, inicialmente, não porque poderiam, de fato, contribuir com as redações, compartilhar seus conhecimentos ou porque as emissoras de TV, jornal resolveram democratizar as editorias de esporte. O feminino chegou às redações, salvo às exceções, devido à sua imagem, para fazer merchandising, atrair os olhares masculinos e quebrar o padrão de vozes e discursos dos apresentadores e comentaristas. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017 *apud* DORIGON, 2015, p.30)

Com padrões de beleza definidos por uma cultura que privilegia o olhar masculino, Oliveira (2017), citando Witter (2014), enfatiza a visão de que o homem é protagonista enquanto a mulher é um mero acessório que “fica melhor quando é bonito”. A televisão foi – e continua sendo – o meio que mais usufrui da estética feminina para buscar audiência, deixando clara a diferença de exigências para homens e mulheres na área, já que não é difícil encontrar homens mais velhos, acima do peso, carecas ou de cabelo branco, algo muito raro quando se trata de mulheres.

Em contrapartida às questões relacionadas a estética física, as mulheres foram conquistando credibilidade ao longo do tempo, deixando de ser acessórios para se tornarem profissionais qualificadas, provando que podem ir além do preconceito e ganhar respeito e espaço no ambiente profissional.

Nós já rompemos a barreira de que mulher não podia fazer futebol. Esse preconceito já foi quebrado, agora é o dentro e o meio. É entender o porquê que tu está ali, de igual para igual. Acho que os colegas já entendem, mas em alguns momentos há aquela coisa do preconceito inconsciente, que é uma coisa cultural, que a gente já carrega. Por isso que é um processo, não é da noite para o dia. (OLIVIERA; OLIVEIRA, 2017 *apud* BOLSON, 2016)

Nas emissoras de televisão aberta como a TV Globo, as mulheres estão à frente do principal programa de esportes de domingo, o *Esporte Espetacular*, transmitido nas manhãs, apresentando e fazendo reportagens. Nos canais de TV por

assinatura Sportv e ESPN Brasil, elas apresentam programas e fazem comentários sobre esportes em geral, inclusive sobre futebol.

Em Curitiba, conforme a Tabela 2, dentre os 74 jornalistas que trabalham com jornalismo esportivo na TV e no rádio, apenas 9 são mulheres, enquanto 65 são homens. Dessas, 5 trabalham atualmente como repórteres – sendo uma delas também apresentadora em outra emissora - e 4 como apresentadoras – sendo uma delas também produtora na mesma emissora -.

Para compreender melhor estes números, é necessário contextualizar a história da mulher no âmbito esportivo.

### 3.4 A MULHER NO ESPORTE

Conforme Goellner (2005, página única), até meados do século XIX, “a participação das mulheres em eventos esportivos restringia-se basicamente a assistência e ao acompanhamento dos maridos”, visto que essa presença era revestida de um pensamento conservador, que acreditava que as mulheres eram criadas para serem esposas e mães.

Ainda muito antes disso, nos primeiros Jogos Olímpicos, na época chamados de Panatéias (Grécia Antiga, 776 a.C. a 393 d.C.), a presença das mulheres não era permitida nestes eventos, nem como acompanhantes. O torneio, considerado o evento esportivo mais importante do planeta, foi criado com o intuito de ser uma festa religiosa, quando competidores se reuniam a cada quatro anos, em comemorações aos deuses, para jogos e lutas. Para Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 18), a proibição de mulheres até mesmo como espectadoras era proveniente do entendimento grego quanto à cidadania, que era “ligada a função de guerrear, atividade vedada às mulheres, gerando com isso praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a elas somente o papel de ser mãe”. Essa proibição tinha respaldo na lei, já que, de acordo com o Artigo 5º do regulamento dos jogos, mulheres casadas podiam ser condenadas à pena de morte caso assistissem às competições. (OLIVEIRA, CHEREM, TUBINO, 2008).

No período Romano, a participação feminina começou a ser aceita, mas ainda sem nenhum aspecto de caráter esportivo. A função das mulheres nos jogos era de dançar e/ou fazer acrobacias para fins de divertimento dos homens convidados. Essa posição feminina é amplificada ainda hoje pelo cinema, colocando a mulher como

ornamento no imaginário social. Exemplos disso são os filmes americanos estilo “*high school*”, nos quais os personagens masculinos fazem parte dos times esportivos do colégio, enquanto as mulheres têm o papel de animar as equipes a partir da dança e de elementos da ginástica.

Já durante a Idade Média, quando as mulheres pensaram estar conseguindo conquistar seu espaço no esporte, começando a se envolver em jogos populares com bolas, a ascensão feminina perdeu forças. Ainda de acordo com Oliveira, Cherem e Tubino (2008):

(...) no século XVII, houve uma profunda mudança, onde a mulher perde seus direitos, sendo subjugada pelo marido ou, quando solteira, pelo parente homem mais próximo. O que acabou por excluir a mulher das atividades esportivas. Somente no século XVIII e início do XIX a mulher começa a retomar o acesso aos esportes, quando cavalheiros ingleses passam a levar suas esposas para assistir alguns eventos como boxe, remo e corridas de cavalo. (OLIVEIRA, CHEREM e TUBINO, 2008, p. 118-119)

Com o passar do tempo, as mulheres foram ganhando espaço nas competições, mas, de acordo com Goellner (2005), essa crescente aparição representou, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade. A ameaça referia-se à abertura de um possível questionamento sobre a sua feminilidade.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (GOELLNER, 2005)

As características esperadas para um atleta eram, até então, aquelas associadas ao masculino: emocionalmente disperso, racional, competitivo, ambicioso etc. Enquanto das mulheres era esperado um comportamento emocional expressivo, dependente e passivo (DEZEN, 2009). Mas, sendo o corpo o principal instrumento de execução da performance atlética e, posto que tanto homens quanto mulheres

dispõem deste instrumento, por que a diferenciação entre homem e mulher no esporte? Dezen (2009, página única) questiona e responde à pergunta. De acordo com ele, “a resposta para tal questionamento ainda é muito sexista e leva em consideração as características corporais e convenções culturais que ainda vigoram nos dias de hoje”.

O esporte, enquanto área reservada masculina, atua no sentido de manter uma dominação simbólica dos homens sobre as mulheres, atribuindo-as um aspecto grosseiro de mulher objeto. No processo de espetacularização do esporte, a mídia confere à presença feminina um papel promocional, constituindo um atrativo a mais ao evento, e os discursos jornalísticos apontam para isso. (BOSCHILIA E MEURER, 2006, página única)

A expressividade da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos ocorreu a partir da década de 1980, com a impulsão do movimento fitness norte-americano que incentivava as práticas físicas centradas na estética. Além disso, tornou-se aceitável e bonito esteticamente mulheres com músculos salientes, sem associá-las à masculinidade.

Ainda assim, a participação feminina continuou, mesmo após o ano 2000, quando o Comitê Olímpico Internacional indicou aos Comitês Nacionais que promovessem estratégias de inserção da mulher nos cargos de comando, de forma a se aproximar do percentual de 10%, inexpressiva nos setores de organização e direção do esporte (GOELLNER, 2005, *apud* PFISTER, 2003). A realidade da mulher nas práticas esportivas não fica muito distante daquelas relativas a das profissionais do jornalismo esportivo.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa monográfica se iniciou com um levantamento bibliográfico para verificar como ocorre a inserção da mulher no campo profissional e, especialmente, no campo jornalístico, com ênfase no jornalismo esportivo, da televisão e do rádio. A partir da leitura dos conteúdos bibliográficos, iniciou-se uma análise documental com a intenção de propiciar uma melhor compreensão da trajetória feminina no jornalismo esportivo e criar uma aproximação dos fatos.

Ao considerar que a memória é algo falho, que pode apagar parte dos acontecimentos ou até mesmo deformá-los, Cellard (2008) entende os documentos como uma fonte preciosa, sendo insubstituíveis para qualquer reconstrução referente a um passado relativamente distante. Graças a esse material pesquisado, é possível entender comportamentos e práticas do passado, visto que “o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social” (CELLARD, 2008, p. 295). Estes documentos referem-se a livros, revistas, artigos e documentos publicados na *Internet*.

O trabalho teve início com o capítulo “As vertentes especializadas da imprensa: o jornalismo esportivo”, no qual, em um primeiro momento, tratou a conformação do jornalismo especializado, tendo entre seus principais autores Nelson Traquina (2004), Wilson da Costa Bueno (2015) e Ana Carolina de Araújo Abiahy (2000). Em um segundo momento, o capítulo elaborou uma breve análise do esporte como editoria no jornalismo, citando autores como Paulo Vinicius Coelho (2003) e Clóvis Rossi (2017), finalizando, então, com a trajetória do jornalismo esportivo no rádio e na televisão.

O segundo capítulo, nomeado “Trajetória feminina: a mulher como profissional”, aborda a evolução feminina, desde a entrada da mulher no mercado de trabalho, no século XVIII, passando pela sua inserção no esporte e no jornalismo. Para tratar destes temas, foram consultadas autoras como Cristina Bruschini (1998), Dora Rocha (2004), Isabel Siqueira Travancas (2006) e Silvana Vilodre Goellner (2005), além de dados do IBGE e do Abraji.

Em seguida foi realizada uma pesquisa exploratória nas redações esportivas de televisão e rádio em Curitiba para verificar o quadro de profissionais que atuam na área, assim como a relação numérica de jornalistas homens e mulheres atuantes. Para isso, fez-se necessário entrar contato com todas as emissoras, já que o Sindicato

dos Jornalistas Profissionais do Paraná, em Curitiba, não possui estes dados de forma precisa. A intenção daquele momento da pesquisa foi verificar se há ainda uma disparidade numérica relacionada ao gênero nas redações, além de permitir a escolha de profissionais mulheres para serem entrevistadas.

Após essa pesquisa exploratória, foram realizadas entrevistas qualitativas baseadas em roteiro prévio e adaptado conforme as características de cada entrevista com jornalistas mulheres que atuam na cobertura esportiva local para entender como as entrevistadas enxergam o mercado atual do jornalismo esportivo para a atuação profissional de mulheres e como elas se veem nele representadas. De acordo com Duarte (2004), em seu texto “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, este método é necessário quando se tem como objetivo mapear práticas, crenças e valores.

(As entrevistas) permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p. 215)

Em seu texto, Duarte (2004, p. 216) descreve alguns passos para a realização de uma boa entrevista:

- a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa;
- b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação;
- c) a intromissão, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista;
- d) segurança e autoconfiança;
- e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação.

De acordo com Dantas (2006), a entrevista se constitui de ideias livres dos entrevistados a respeito de um determinado tema. É essa liberdade nas respostas que permitiu estabelecer uma análise teórico-empírica de viés qualitativo. Para Bardin (1977), esta análise, enquanto método, pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Sendo assim, “o interesse não está na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após

serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a outras coisas” (BARDIN, 1977, p. 38).

Durante a trajetória de pesquisa de campo, foram entrevistadas 13 jornalistas que naquele momento trabalhavam ou já haviam trabalhado em redações esportivas. Destas entrevistadas, duas já haviam deixado a cobertura esportiva há algum tempo e uma saiu da editoria esportiva neste mesmo ano (2018).

**TABELA 3** – Jornalistas entrevistadas que trabalham ou trabalharam na cobertura esportiva em Curitiba – PR

Nome	Universidade de formação	Ano em que começou a atuar na cobertura esportiva	Emprego atual
Ana Tereza Motta	Tuiuti	1998	Narradora na Rádio Coxa
Ana Zimmerman	UFPR	1995	Repórter de geral na RPC
Amanda Negrelle	Tuiuti	2008	Produtora e apresentadora na CNT
Debora Mussi	Tuiuti	2015	Repórter de campo na CNT
Fabia Ioscote	Tuiuti	2010	Editora-chefe do site Redação em Campo
Francielly Azevedo	Tuiuti	2014	Coordenadora de esportes do Paraná Portal
Giovanna Pereira	Tuiuti	2015	Apresentadora na TV Educativa
Helen Anacleto	UFPR	2011	Repórter de geral na RPC



Lara Motta	Tuiuti	2005	Repórter de campo na Rádio Coxa
Monique Silva	Tuiuti	2003	Repórter de esportes do globoesporte.com
Monique Vilela	PUC PR	2008	Repórter setorista do Atlético-PR na Banda B
Nadja Maud	PUC PR	2008	Repórter de esportes na RPC
Pamela Schtscherbak	Tuiuti	2015	Comunicadora empresarial

Autora: Fernanda Ramos Glinka (2018)

A seleção da ordem das entrevistas se deu de forma aleatória, na medida em que apenas se questionou sobre a disponibilidade das personagens para o agendamento da conversa sobre o tema. Esta etapa de campo ocorreu entre julho de 2018 até setembro do mesmo ano.

Com o material coletado, os conteúdos das entrevistas foram assimilados por meio do conceito de leitura flutuante de Bardin (1977) e organizados a partir de categorias analíticas a saber:

- a) *Representatividade* das mulheres na cobertura esportiva local: como as entrevistadas expressam suas visões sobre si próprias e as demais mulheres jornalistas esportivas; e como elas enxergam a receptividade do público a partir de uma informação entregue por uma mulher.
- b) *Principais dificuldades* – caso existam – enfrentadas pelas mulheres jornalistas na cobertura esportiva em temas como inserção na área, disparidade salarial, etc.
- c) *Assédio* durante o exercício profissional: de onde vem – caso exista – e como são enfrentados os mais diferentes tipos de assédio na área, seja ele moral ou sexual.

- d) *Perspectivas* para o futuro: como as entrevistadas enxergam o futuro do campo jornalístico esportivo para as futuras gerações de mulheres jornalistas.

É importante assinalar que este trabalho não inclui uma pesquisa de recepção junto ao público, o que representaria uma outra etapa a dar prosseguimento a esta primeira pesquisa. Da mesma forma, foram excluídas as entrevistas com jornalistas homens por se entender que a pesquisa se concentra no entendimento das próprias mulheres sobre sua representação nas redações esportivas.

## 5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS POR CATEGORIA E SEUS RESULTADOS

Com base na fundamentação teórica apresentada, este capítulo expõe a análise dos dados coletados e os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com profissionais jornalistas mulheres da área esportiva. Para tanto, inicialmente, são definidas as categorias analíticas descritas na metodologia deste trabalho, que ao funcionar como recortes organizadores dos conteúdos obtidos nas entrevistas, permitem a operacionalização de inferências interpretativas, a seguir também apresentadas.

São usados os prefixos “E1” até “E13” ao citar as falas das entrevistadas. Na análise não houve a preocupação em se utilizar as falas de todas as entrevistadas, mas sim aquelas com respostas mais emblemáticas ou que mostraram maior relevância de conteúdo para esclarecer o tema em pesquisa.

### 5.1 CATEGORIA A: REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA COBERTURA ESPORTIVA LOCAL

Participação e representatividade são conceitos relacionados ao exercício de uma atividade, no caso a cobertura esportiva no jornalismo, e no caso deste trabalho, como a mulher se vê representada neste segmento enquanto profissional apta a exercer tal papel. Quanto a esta primeira categoria de análise, todas as entrevistadas responderam que, apesar do número ainda desequilibrado entre homens e mulheres na área, com prevalência do sexo masculino, elas se sentem, sim, representadas como profissionais. No entanto, acreditam que ainda existem barreiras para alcançar os cargos de chefia ou cargos de maior representatividade junto ao público, como o de comentaristas e narradores.

*- Ao reportar e apresentar estamos de igual para igual com os homens. Mas só quando existirem mulheres comentando e narrando vou poder dizer que não há mais preconceito. (E3)*

*- Temos bons nomes, mas representatividade nunca é demais. É difícil ver uma mulher coordenando uma diretoria de esportes, isso é predominantemente masculino. (E6)*

Essa barreira hierárquica ou de funções mais visíveis junto ao público é reafirmada quando se verifica a área de atuação das 13 entrevistadas: cinco (5) trabalham atualmente como repórteres, duas (2) como apresentadoras – sendo uma delas também produtora -, uma (1) como editora-chefe, uma (1) como coordenadora e uma (1) como narradora de futebol, atividade que iniciou muito recentemente, em setembro de 2018. Três das mulheres entrevistadas não trabalham mais com jornalismo esportivo, mas quando o faziam eram repórteres.

Outro fator importante para a consolidação de uma visão de representatividade positiva das jornalistas no meio esportivo é a qualidade do material produzido por elas e suas colegas.

*- Eu acho que essa representatividade está muito mais associada à força dessas mulheres que estão no esporte do que necessariamente à quantidade. Não é quantidade, é qualidade. As mulheres que fazem jornalismo esportivo entendem muito de futebol, mas infelizmente não se tem dado muita oportunidade pra quem tá começando. (E8)*

Tal observação feita por uma das entrevistadas, a da dificuldade de oportunidade para quem está começando na área esportiva, parece explicar a razão pela qual muitas estudantes de jornalismo ou jovens repórteres hesitam em escolher a área como espaço profissional.

Em diversas entrevistas, nomes de jornalistas esportivas que atuam em âmbito nacional e regional foram citadas como referência, entre elas Fernanda Gentil e Nadja Maud, que atuam respectivamente na Rede Globo e na RPC, seguidos de discursos de quebra de barreiras, evidenciando mulheres que trabalham bem e alcançaram o sucesso por mérito, não por terem um ‘rostinho bonito’. Voltaremos ao assunto adiante.

Contudo, para as iniciantes na área, o consenso é o mesmo: o reconhecimento leva tempo, o que também é comum em vários outros segmentos do jornalismo.

*- As meninas que estão aí são muito boas e as vezes não são reconhecidas por serem mulheres. Me sinto representada embora seja uma minoria. (E5)*

*- Se um homem dá uma escalação, está ok. Se eu, mulher, dou uma escalação, alguém vai verificar se ela está igual a do colega. E não é só isso, acontece de em coletiva de imprensa a pessoa anotar a informação que uma mulher dá e depois ir conferir com um homem. Ou se o gancho da matéria é algo mais animado ou engraçado e um homem comenta sobre a chuteira de um jogador, não é feio, se a mulher falar é porque ela não sabe falar mais nada e só prestou atenção na cor da chuteira do jogador. (E4)*

Essa demora para ganhar reconhecimento se deve, principalmente, ao senso comum, apontado por vários estudiosos da área, de que mulher não entende de futebol ou de esportes em geral. Esse pensamento padrão e preconceituoso foi entendido por muitas das entrevistadas como uma barreira cultural.

*- A mulher tem uma percepção maior dos detalhes, porém ela pode não saber tantas coisas técnicas logo de cabeça, ela precisa parar e estudar. Já um homem lembra da Copa de sei lá quando, que jogador X fez um passe bonito. Mas a nossa cultura não é essa desde pequenas. (E13)*

Essa educação cultural pode ser compreendida como um processo no qual os familiares ascendentes exercem influência direta e indireta sobre os gostos e interesses sobre a outra geração. Um exemplo disso é o fato de os meninos ganharem camisetas de times de futebol ainda quando bebês e terem como primeiro brinquedo – ou um dos primeiros – uma bola de futebol. Já as meninas não costumam receber a mesma influência desde cedo.

#### 4.2 CATEGORIA B: DIFICULDADES DE ATUAÇÃO NA ÁREA ESPORTIVA

Embora todas as entrevistadas afirmarem ter sido relativamente fácil entrar na área do jornalismo esportivo, foram citadas diversas dificuldades durante a trajetória profissional neste segmento do mercado jornalístico. A dificuldade mais comum, citada pela maioria das entrevistadas, foi a desconfiança por parte dos colegas,

jogadores e técnicos quanto ao conhecimento da mulher sobre o esporte, ou seja, por parte dos homens envolvidos no processo, não apenas dos profissionais do esporte, mas dos próprios colegas jornalistas. O estereótipo está representado na resposta abaixo de uma das entrevistadas, e confirma uma visão ainda muito patriarcal:

*- Existe um pouco ainda daquilo de 'a mulher não entende de futebol'. Se você faz uma pergunta muito elaborada eles acham que você ouviu o comentário do seu namorado ou do seu amigo e só tá repassando, que não é a sua opinião. (E3)*

A segunda maior dificuldade apontada não possui relação direta com a questão do gênero, mas sim com a área do jornalismo esportivo em si. De acordo com as entrevistadas, este meio é muito restrito, existindo, localmente, poucas emissoras que fazem efetivamente a cobertura de esportes. Além disso, a renovação dos profissionais nesta área é pequena, sendo comum ver jornalistas que iniciam e encerram suas carreiras, como veteranos, no jornalismo esportivo.

Outro ponto bastante reforçado pelas mulheres jornalistas foi a exploração da imagem feminina como forma de tornar o conteúdo transmitido mais agradável e vendável, o que está explicitada na fala abaixo:

*- A gente vem de uma sociedade machista que está acostumada a ver uma apresentadora bonita, que lê TP e está ali só pra enfeitar o estúdio ou pra dar um tempero na equipe esportiva, uma voz feminina. Ela não está ali necessariamente por ser competente, mas porque é bonita. (E6)*

Trata-se aqui de uma visão sexista, no sentido de ver a mulher como “enfeite”, “adorno”, “elemento mais suave e agradável”, o que remete à não valorização de requisitos profissionais, como qualidades prioritárias no processo.

Outras questões apontadas foram a maior exigência de postura por parte das mulheres – a repórter de campo, principalmente, deve tomar cuidado com seus comportamentos, vestimenta e modo de falar quando está perto de jogadores e técnicos para não correr o risco de ficar “mal falada”, situação que não se imagina ser aplicada aos repórteres do sexo masculino -.

*- Quando você vai para um treino de futebol e é a única mulher no meio de 30/40 homens você tem que ter uma certa postura. E eu sempre tentei deixar claro isso para as estagiárias que já passaram por aqui: tem que tomar cuidado com a forma que você se veste, com o que você fala... porque isso faz com que a mulher vire comentário, então você tem que se preservar mais do que em outros lugares. (E7)*

Além disso, existe também a barreira da idade, que faz com que jornalistas esportivas mais velhas sejam deixadas de lado, o que não acontece com homens, sendo comum ver jornalistas esportivos mais velhos, de cabelo branco e com sobrepeso, e com o agravante da falta de obrigatoriedade do diploma, “sucateando” a profissão.

Quanto à questão salarial, as respostas foram bastante divergentes. Enquanto algumas entrevistadas afirmam não existir diferença salarial entre homens e mulheres nas mesmas funções na emissora em que atuam, outras ainda sofrem com a disparidade de salário em um mesmo cargo.

*A gente ganha menos, essa é a parte chata da profissão, uma coisa que ainda incomoda. E como aqui eu não sou registrada, exerço minha função com um acordo salarial. Mas sei que nenhum homem aceitaria fazer o que eu faço pelo mesmo valor. (E3)*

Apenas uma das entrevistadas declarou não considerar existir nenhuma dificuldade relacionada ao gênero no jornalismo esportivo.

#### 4.3 CATEGORIA C: ASSÉDIOS MORAL E SEXUAL

O assédio pode ser dividido em duas categorias: moral e sexual. Portela (2017), ao consultar e interpretar Leymann (1990), Hirigoyen (2001) e Barreto (2005), caracteriza o assédio moral como a exposição de um indivíduo, em especial em ambiente profissional/institucional, a vários tipos de situações humilhantes, ou a apenas um tipo, mas de forma contínua e repetitiva. Já o sexual é caracterizado como atitudes sexuais ou sexualizadas, explícitas ou não, emitidas por alguém sem o consentimento do destinatário. Diferente do primeiro tipo de assédio, cuja a vítima

pode ser tanto um homem quanto uma mulher, o segundo refere-se, majoritariamente, a uma violência explicitamente generificada.

Ambos os assédios podem ocorrer de maneira isolada ou não. Tanto o assédio moral pode resultar em assédio sexual, quanto o contrário, o que normalmente acontece quando o assediador é um superior hierárquico, caso que, inclusive, já aconteceu com uma das jornalistas entrevistada.

*- Eu já tive que entrar com um processo contra um colega por assédio. Ele era na época meu supervisor e me desligou da rádio porque não quis fazer o famoso 'teste do sofá'. E se não bastasse isso ele passou a me seguir, me ameaçar, ser agressivo e me difamar para outros colegas. Fiquei com medo, assustada e fui pra Delegacia da Mulher denunciá-lo. Tenho um mandato que define que ele não pode se aproximar de mim. (E6)*

Este é um caso claro de assédio sexual por parte de um superior hierárquico que resultou, após a vítima recusar as investidas, em assédio moral. Para as entrevistadas, este assédio por parte de colegas de trabalho é o que mais incomoda, e ocorre não apenas no jornalismo esportivo. Felizmente, casos de assédio entre colegas não é frequente. Mas o assédio por parte dos torcedores foi citado como o mais recorrente, seguido pelo de jogadores.

*- Se há caso ainda registrado de assédio, a maioria vem da torcida. Fiz um link ao vivo de uma final uma vez e tentaram me beijar de todas as formas, pegavam no meu rosto, no meu braço... foi horrível. No final das contas a entrada foi derrubada, porque não tinha condições. (E8)*

Ainda sobre este assunto, as entrevistadas foram questionadas quanto ao movimento *#DeixaElaTrabalhar*, que teve início em março de 2018 e ganhou força após os constantes assédios de torcedores a jornalistas durante a Copa do Mundo FIFA 2018 na Rússia. A hashtag é um manifesto de jornalistas que trabalham com esporte contra o machismo e assédio nos estádios, redações ou onde quer que aconteçam. O movimento teve repercussão internacional e incitou diversos debates sobre o tema.



Entre as respostas, nove (9) das profissionais entrevistadas disseram apoiar e acreditar na importância e força do manifesto; duas (2) concordam com a relevância do tema, porém acreditam que o movimento esteja banalizado; e duas (2) não concordam e nem fizeram questão de participar, conforme exemplificam, respectivamente, as falas a seguir.

*- A gente precisa falar disso, não é mimimi, não é problematizar o que não existe, é um problema sério. Eu estou trabalhando, eu preciso daquilo pra ganhar meu pão. Você acaba arriscando as vezes o seu emprego, porque você se irrita e acaba mandando um cara desse praquela lugar, daí você se queima por conta do comportamento de outras pessoas. Precisa ser falado sempre, porque é dessas coisas pequenas que acabam aparecendo as coisas grandes. (E8)*

*- O movimento é importante, mas começou a ficar meio neurótico, tinha gente falando 'ele tocou no meu braço, isso é assédio?' ou 'eu tinha acabado de fazer a reportagem e o chefe falou que minha voz é bonita, isso é assédio?'. Pera aí, gente. (E5)*

*- A partir do momento que você lança uma campanha pelo fato de ser mulher você já tá se mostrando inferior ao homem. Acho que esse tipo de campanha fomenta justamente aquelas pessoas que gostam de incomodar, de criticar e cutucar pelo fato de você ser mulher. Fomenta mais esse tipo de homem que quer mostrar que a mulher é inferior. Pra mim esse tipo de campanha potencializa esse tipo de gente que sempre vai existir, independente de campanha. A mulher, na condição de que quer ser igual ao homem, não precisa de campanha, é só colocar a mão na massa e trabalhar tranquilamente. (E11)*

Para entender melhor a repercussão do #DeixaElaTrabalhar, foi ouvida também, especificamente sobre este tema, uma das fundadoras da hashtag, Christiane Mussi, jornalista no Rio de Janeiro. Como precursora do movimento, Mussi acredita que o resultado foi mais positivo do que negativo. Para ela, a discussão deste tema serviu para conscientizar profissionais e empresas. Um exemplo dado foi o do

então diretor da Globo (2018)<sup>19</sup> que, no auge da campanha, enviou um e-mail interno declarando apoio ao projeto. Para Mussi, ver que o diretor de uma grande emissora foi impactado positivamente faz o movimento valer a pena, já que diminui a probabilidade de que outras meninas que passem pela emissora sofram qualquer tipo de preconceito.

#### 4.4 CATEGORIA D: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Para entender as expectativas das entrevistadas com relação ao futuro do campo do jornalismo esportivo em geral, como também para as atuais e novas profissionais da área, esta questão foi levantada no encerramento das entrevistas.

As expectativas para o futuro das mulheres na profissão são majoritariamente boas, de acordo com o grupo de profissionais consultado. Entretanto, todas consideram o jornalismo esportivo como um meio bastante restrito, de difícil inserção para ambos os sexos, fato este diretamente relacionado com a desvalorização da editoria em comparação a outras especialidades, como a política e a economia, conforme Coelho (2013).

*- O nosso mercado de comunicação em geral é complicado, e isso se agrava ainda mais quando falamos especificamente do jornalismo esportivo. Cada dia mais vemos profissionais sendo mandados embora, empresas deixando de investir em esporte ou comunicação, pelos mais diferentes motivos. E a cada semestre vemos milhares de recém-formados serem "despejados" no mercado... ou seja, se já está ruim para quem tem experiência, que está há anos no mercado, e não consegue recolocação, imagina para quem acabou de pegar o diploma. (E10)*

Duas entrevistadas também reclamaram sobre as restrições dos clubes esportivos quanto ao acesso dos jornalistas em treinos e à dificuldade de se conseguir entrevistas diferenciadas/personalizadas, já que atualmente as entrevistas são feitas apenas em coletivas de imprensa.

---

<sup>19</sup> O nome do diretor não foi repassado pela idealizadora do projeto #DeixaElaTrabalhar.

*A cada dia que passa o jornalismo esportivo está mais restrito pelo fato de os clubes acharem que a imprensa invade a intimidade deles. Eu realmente espero que um dia isso mude ou se amenize, porque no produto final quem perde é o torcedor. (E11)*

Apesar dessa dificuldade imposta pela área em si e pelos clubes, e pelo fato do esporte brasileiro, em especial o futebol, não apresentar uma boa fase em termos de resultados, eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas mostram que o interesse do brasileiro pelo esporte, com destaque mais uma vez para o futebol, só aumenta. Prova disso foi a quantidade de brasileiros presentes na Copa da Rússia 2018, sendo o terceiro país que mais comprou ingressos para os jogos, perdendo apenas para os donos da casa e os americanos<sup>20</sup>. E com o aumento do interesse, a tendência é que o mercado também cresça.

*- Tivemos Olimpíadas e Copa do Mundo, agora tem a Copa América que vai rolar no Brasil. São eventos grandes e seguidos que demandam trabalho, é algo muito importante para os jovens jornalistas tentarem se encaixar. Apesar de ser um campo pequeno, o jornalismo esportivo demanda pessoas especializadas. (E8)*

Uma pesquisa realizada pela Universidade Tuiuti do Paraná, em 2015, com resultado informado por uma das entrevistadas, mostra que o conjunto do material esportivo transmitido na grade televisiva, aberta e fechada, corresponde a 52% de todo o conteúdo de televisão. Ou seja, em um mês, o telespectador ficaria 17 dias ininterruptos assistindo esporte, o que só comprova a oportunidade de crescimento da área e a necessidade de profissionais especializados.

Ao se tratar das perspectivas futuras para a mulher no jornalismo esportivo, as respostas foram unânimes: as portas estão cada vez mais abertas e isso só tende a aumentar.

---

<sup>20</sup> SPORTV. Brasil é o terceiro país que mais comprou ingressos para jogos da Copa da Rússia. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/programas/copa-2018/noticia/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-comprou-ingressos-para-jogos-da-copa-da-russia.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2018.

- *As mulheres que estão entrando agora estão pegando um tempo novo em que não é mais aceito assédio, seja de colega ou torcedor, e elas estão se impondo mais. Eu não gosto muito desse termo, mas é fato: a gente vem numa fase do empoderamento feminino. (E12)*

Contudo, não podemos nos deixar levar apenas pela expectativa de um futuro positivo. Apesar da ascensão feminina, a mulher que trabalha com jornalismo esportivo ainda precisa estar duas vezes mais preparada que o homem, afinal “*se ela errar é porque ela não sabe, já se o homem errar é normal, coisa que acontece*” (E12).

#### 4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Concluídas as etapas da metodologia qualitativa da Análise de Conteúdo, iniciamos a análise dos resultados, inferência e interpretação, que se dá a partir das evidências coletadas nas respostas das entrevistas em confronto com o referencial teórico que propiciou a base para esta análise. Os resultados são aqui apresentados em tópicos devido a sua diversidade. Cada um deles pode servir de ponto de partida para outras discussões sobre o tema.

- Há uma mudança sensível da perspectiva histórica predominante de que o esporte é um ambiente masculino, em diálogo com os resultados apontados por Oliveira *et al* (2017) *apud* Bolson (2016).

- Há um aumento crescente de mulheres na cobertura esportiva.

- Embora sem liderança quantitativa, as mulheres ocupam um espaço importante e representativo na área.

- É crescente o interesse das emissoras com editoria esportiva em trazer mulheres para a equipe – fato que pode recair, ou não, na condição feminina de tornar o conteúdo transmitido mais agradável e vendável.

- Entre os cargos do jornalismo, ganha destaque entre as profissionais da área esportiva a parte da reportagem, seguida da apresentação.

- São escassas as jornalistas esportivas que se consolidam em cargos de chefia ou cargos de maior representatividade junto ao público, como o de comentaristas e narradores.

- Embora a inserção feminina na área não seja difícil, as mulheres levam mais tempo para ganhar credibilidade e ter as mesmas oportunidades e preferências que um homem.

- Embora o preconceito vindo do público seja maior, o que mais incomoda é aquele vindo dos colegas, como piadas machistas e a falta de confiança na informação repassada por mulheres – fato mais comum no início da carreira.

- Há, ainda, preconceito e assédio relacionado ao gênero na área – o segundo vindo, principalmente, do público dentro dos estádios.

- Em relação à credibilidade jornalística, as mulheres precisam “se esforçar mais”, provando seu conhecimento, pois ainda existe uma desconfiança quanto ao conhecimento feminino sobre esportes em geral.

- O conservadorismo e a resistência à inserção da mulher no jornalismo esportivo ainda são maiores no rádio – o preconceito tem muito a ver com idade, as pessoas mais velhas têm uma resistência maior em ver mulheres no esporte.

- Geralmente, a fotografia na televisão ainda é vista como mais importante do que o conteúdo, favorecendo a contratação de mulheres mais providas de beleza ao invés daquelas com conhecimento do assunto, o que prejudica a credibilidade das mulheres na área.

- Há, ainda, um pensamento retrógrado por parte das emissoras de quererem sempre uma jornalista esportiva nova, descartando as mulheres mais velhas – fato este que não acontece com os homens.

- Ainda existe disparidade salarial entre homens e mulheres que exercem a mesma função em determinadas emissoras.

- A falta de obrigatoriedade do diploma desvaloriza a profissão de um modo geral – as consequências disso são vistas, principalmente, na remuneração dos profissionais, onde o valor que era para ser o mínimo acaba sendo o teto.

- As condições de trabalho do jornalismo esportivo não são muito diferentes das do jornalismo diário, com jornadas longas, falta de equipe técnica em viagens e remuneração nem sempre a altura.

- Entre as dificuldades provenientes da cultura patriarcal está a exigência de uma postura diferenciada das mulheres durante o exercício da profissão.

- São escassas as oportunidades dentro do jornalismo esportivo por ser uma área bastante fechada, fato relacionado com a desvalorização da editoria em comparação a outras especialidades, como a política e a economia, conforme Coelho (2013).

- A exclusão da imprensa por parte dos clubes de futebol dificulta o trabalho do jornalista esportivo e torna a área ainda mais restrita.

- As mulheres jornalistas esportivas atuantes estão cientes das dificuldades relacionadas ao gênero que a profissão impõe, porém acreditam na superação delas.

- Todas as entrevistadas declararam acompanhar e/ou praticar esportes desde pequenas, sempre com alguma influência familiar, principalmente vinda do pai, reforçando a ideia de que o número demasiado de homens no jornalismo esportivo está diretamente ligado a fatores culturais.

- As mulheres estão cada vez mais unidas, exemplo disso são movimentos como o #DeixaElaTrabalhar.

- O machismo ainda está longe de acabar, mas as profissionais atuantes da área têm uma visão positiva para o futuro das mulheres.

- Atualmente, é possível considerar que as portas para o mercado de trabalho do jornalismo esportivo estão igualmente abertas para homens e mulheres.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo geral levantar dados e informações sobre a participação das mulheres no jornalismo profissional brasileiro e, em especial, no jornalismo esportivo, apontando dados específicos sobre esta realidade em Curitiba. Os objetivos específicos se concentraram em buscar e entrevistar mulheres que atuam no jornalismo esportivo local para verificar e descrever quais são as atividades exercidas por elas; levantar as condições de trabalho das jornalistas nesta área e identificar possíveis barreiras à sua ascensão profissional no ramo; e, por fim, analisar qualitativamente as falas obtidas em entrevista de forma a traçar um panorama sobre a atuação da mulher no jornalismo esportivo local. Para delimitar o espaço de análise, foi definido em qual contexto este trabalho está inserido: o jornalismo esportivo do rádio e da televisão em Curitiba-PR.

A partir disso, situamos o posicionamento desta pesquisa: partiu-se do pressuposto de que as mulheres enfrentam barreiras e preconceitos para participar do jornalismo esportivo. Por intermédio das leituras e pesquisas a respeito dos temas-chaves deste trabalho (jornalismo, jornalismo esportivo, mulher no jornalismo esportivo, mulher, esporte e gênero), foi possível criar um panorama geral e histórico destes conteúdos, compreendendo suas interrelações, para então verificar a veracidade do pressuposto inicial. Todos os objetivos pré-estabelecidos foram respondidos conforme será apresentado a seguir.

A partir do conceito de jornalismo de Nelson Traquina (2014), que diz que o jornalismo é um conjunto de histórias que apresentam parte da realidade usufruindo da técnica da notícia para isso, foi possível criar um panorama geral e histórico do jornalismo geral e, assim, adentrar no tema do jornalismo esportivo.

Com relação à discussão sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho, foram apresentados o contexto e as condições pelas quais a mão-de-obra feminina passou a ser absorvida, bem como as principais barreiras para a inclusão da mulher no mercado, sendo a obrigação – imposta pela sociedade – de cuidar dos filhos e da

casa a principal delas. Hoje, no Brasil, independentemente da idade ou renda das trabalhadoras, as mulheres dedicam mais tempo aos trabalhos domésticos do que os homens. No que diz respeito ao jornalismo esportivo, diferentemente de outras áreas do jornalismo onde as mulheres já dominam as redações em termos numéricos, as profissionais do gênero feminino são minoria, sendo 90% deste universo masculino.

Entre os dois campos de análise, rádio e televisão, foi possível perceber que a aceitação feminina na televisão foi mais rápida, e isso se deve a dois motivos:

1) a atração do público por programas que apresentem rostos – em alguns casos até mesmo corpos – bonitos, o que não acontece tão frequentemente com a voz. Ou seja, o uso da imagem da mulher para fazer *merchandising*.

2) o fato de o preconceito ter grande relação com a idade do telespectador. O rádio possui um público com mais idade, e as pessoas mais velhas tendem a ter uma resistência maior em ver mulheres no esporte.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa exploratória nas redações esportivas da capital paranaense, a fim de descobrir quantas mulheres atuam na área e quais as suas funções. A partir disso, pode-se concluir que as mulheres que atuam no jornalismo esportivo de Curitiba atuam principalmente no campo da reportagem e da apresentação, dando credibilidade à reclamação feminina de falta de representatividade em cargos de maior relevância junto ao público.

Para as entrevistas qualitativas, foram selecionadas seis dessas jornalistas a partir do quesito disponibilidade, e também outras sete mulheres que ainda atuam ou já atuaram no jornalismo esportivo. Dessas sete, quatro também trabalham com jornalismo esportivo, sendo duas em portais de notícia e duas em emissoras de rádio de clubes de futebol da capital paranaense, e três não estão mais na área, porém, quando atuavam, eram repórteres.

A análise das entrevistas permite notar as nuances de pensamento das personagens que construíram suas carreiras no jornalismo esportivo, assim como perceber a mudança do papel da mulher na área ao longo do tempo. Enquanto E1, que entrou no jornalismo esportivo em 1998, teve dificuldade para se encaixar e mostrar sua competência no primeiro emprego na área, E4, que iniciou sua carreira em 2015, obteve uma melhor aceitação por parte dos colegas, técnicos e jogadores, sofrendo igualmente apenas com a torcida, que ainda manifesta preconceito de gênero de forma explícita.



O apontamento dessa atitude dos torcedores nos leva a perceber que a cultura patriarcal ainda está bastante enraizada em nossa sociedade, respondendo outro objetivo de pesquisa relacionado com as dificuldades que a área apresenta para as mulheres. Embora já existam progressos, como por exemplo, a melhor aceitação no ambiente de trabalho, eles são lentos.

Em suma, a análise das entrevistas, levando em consideração também a pesquisa bibliográfica realizada, permite verificar que: a) apesar das portas de entrada para o jornalismo esportivo estarem, atualmente, igualmente abertas para ambos os sexos, ainda existe uma enorme discrepância entre o número de homens e mulheres na profissão, principalmente em funções de maior relevância; b) esse lento processo de aceitação das mulheres no jornalismo esportivo se deve à cultura patriarcal em que estamos inseridos; c) a área do jornalismo esportivo – principalmente fora do eixo Rio-São Paulo – não é fácil para ambos os sexos, porém essa dificuldade é agravada para as mulheres a partir das barreiras ainda existentes relacionadas ao gênero; d) todas as profissionais do jornalismo já enfrentaram preconceito de gênero, mais ou menos graves, ainda que algumas afirmem que nunca o tenham sofrido. Tal afirmação só é possível a partir da análise geral das entrevistas, nas quais foi unânime a resposta de que, embora irrelevante para algumas, o assédio por parte da torcida existe e é frequente; e) com o decorrer da história da mulher no esporte, no jornalismo e, principalmente, no jornalismo esportivo, é possível perceber que as barreiras de gênero estão cada vez menores, propiciando uma visão de futuro positiva para as mulheres dentro dessa área.

Não se pode ignorar, porém, as limitações desta pesquisa, que contou apenas com a visão das mulheres jornalistas esportivas, sem ouvir a fala de homens da área, fontes (técnicos, jogadores, etc.) ou público. Para dar continuidade à pesquisa, uma sugestão seria lançar uma nova etapa de entrevistas, desta vez com os demais públicos, o que permitiria verificar se a visão feminina sobre os temas representatividade das mulheres na cobertura esportiva local; dificuldades de atuação feminina na área esportiva; assédio moral e sexual; e perspectivas para o futuro, se equivaleria a deles.

Por meio deste estudo, espera-se ter contribuído para a visibilidade das condições de trabalho das mulheres jornalistas na cobertura esportiva, que ainda incluem uma série de obstáculos cotidianos que não apenas atrapalham o lado profissional, mas por vezes até as impedem de exercer suas funções. A

conscientização das empresas de comunicação, sindicatos e outros órgãos competentes quanto a sua responsabilidade na luta contra o preconceito de gênero é fundamental, dispondo de mecanismos melhores tanto para a prevenção quanto para a remediação desses casos.

## REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. O jornalismo especializado na sociedade da informação. 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: mar. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, 226 p.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques (Coord); LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Síntese dos principais resultados. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. 2002. Disponível em: <<http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>>. Acesso em: abr. 2018.

BRUSCHINI, Cristina. *O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes*. **Revista Estudos Feministas**. ISSN 1806-9584, Florianópolis (SC).

BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas*. IN: BUENO, Wilson da Costa; SANTOS, Marli dos (ORG). **Jornalismo especializado no Brasil**: teoria, prática e ensino. São Bernardo do Campo (SP), ED. Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

CARVALHO, Rutineia de Oliveira. **Gênero, escolaridade e descompasso na atuação profissional**. 2005. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/genero-escolaridade-e-descompasso-na-atuacao-profissional.pdf>>. Acesso em: set. 2018.

CASTELLS, Manuel. *A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas*. IN: CASTELLS, Manuel (ORG). **A sociedade em rede**. São Paulo (SP), Ed. Paz e Terra, 1999.

CELLARD, André. **A análise documental**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo (SP): Contexto, 2003.

COSTA, Yuri Heisenberg Queiroga de Oliveira. **Jornalismo esportivo? Uma análise do espaço dado pela Rádio BandNews FM às modalidades esportivas a partir das transmissões ao vivo nos Jogos Olímpicos do Rio.** 2016. Disponível em: <<http://security.ufpb.br/cj/contents/tcc/analise-da-bandnews-fm-nos-jogos-olimpicos-do-rio-yuri-heisenberg-de-oliveira-queiroga-tcc-2016-2.pdf>>. Acesso em: maio 2018.

DANTAS, Marcelo; CAVALCANTE, Vanessa. **Pesquisa qualitativa e Pesquisa quantitativa.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

DEL VECCHIO-LIMA, Myrian; SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. Espaços alternativos na internet como formas de visibilizar as mulheres no jornalismo brasileiro. **Media & Jornalismo**, vol. 17, no. 31, Lisboa, 2017.

DEZAN, Flavio. *Esporte e questões relacionadas ao gênero.* **Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XII Simpósio Paulista de Educação Física.** Rio Claro: UNESP, 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd137/esporte-e-questoes-relacionadas-ao-genero.htm>>. Acesso em: mar. 2018

DUARTE, Rosália. *Entrevistas em pesquisas qualitativas.* **Editores UFPR.** Curitiba (PR), 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em: nov. 2017.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre (RS): Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Andréia da Paixão. A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação.** Belo Horizonte (MG), v.3, n.1, 2013.

GASPARINO, Henrique. **Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira.** 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119227/000803557.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: maio 2018.

GILL, Maria Cristina Romo. **Introducción al conocimiento y práctica de la radio.** México: Diana, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática.** Goiânia (GO), v. 8, n. 1, 2005.

GONÇALVES, Eliane. *Pensando o gênero como categoria de análise.* In: AMARAL, A. et al. (Orgs.). **Estudos de gênero.** [S.l.]: Universidade Católica de Goiás, 1998. p.41-60.

HORKY, Thomas; NIELAND, Jörg-Uwe. International Sports Press Survey 2011. **Koln: German Sport University Cologne.** Disponível em: <[http://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG\\_Nieland-Horky\\_ISPS\\_2011\\_3.10.2011\\_final.pdf](http://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG_Nieland-Horky_ISPS_2011_3.10.2011_final.pdf)>. Acesso em: nov. 2017.

JUNG, Milton. *Jornalismo de rádio*. IN: JUNG, Milton (ORG). **História do rádio**. São Paulo (SP), ED. Contexto, 2004.

LENE, Hérica. Por que as notícias são como são? **Revista ECO-Pós**. Florianópolis (SC), ED. Insular, v. 08, 2004. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/1102](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1102)>. Acesso em: abr. 2018.

MOTTA, Bruno Gouveia. **Narração de futebol em rádio e TV no Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3560/1/BMotta.pdf>>. Acesso em: maio 2018.

NETTO, Miguel Rodrigues. A cobertura especializada e as contradições na utilização de jornalistas ou ex-atletas nas transmissões esportivas. **Revista Científica Semana Acadêmica**. v. 01, 2013. Disponível em: <[https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo\\_jornalismo\\_esportivo\\_0.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_jornalismo_esportivo_0.pdf)>. Acesso em: mar. 2018.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.8. n.2/200, p.9-41, 2000.

OLIVEIRA, Ana Paula; OLIVEIRA, Nathalla Lalnettl de. **A mulher no jornalismo esportivo**. 2017. Disponível em: <[https://archive.org/stream/observatorio.vol3.n5/vol3\\_n5\\_18\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/observatorio.vol3.n5/vol3_n5_18_djvu.txt)>. Acesso em: set. 2018.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. 2008, 16(2): 117-125. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>>. Acesso em: mar. 2018.

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão Globo de jornalismo esportivo. **Famecos/PUCRS**. Porto Alegre (RS), 2010/2, nº 24. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9026/6249>>. Acesso em: maio 2018.

PORTELA, Monique Ryba. **Percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em Curitiba**. 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56614/PERCEPCAO%20DO%20ASSEDIO%20MORAL%20E%20SEXUAL%20CONTRA%20MULHERES%20JORNALISTAS%20EM%20CURITIBA%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: set. 2018.

REIS, Kellen Cristina Florentino. **Infância, gênero e esteriótipos sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos**. 2008. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97486/reis\\_kcf\\_me\\_bauru.pdf?squence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97486/reis_kcf_me_bauru.pdf?squence=1)>. Acesso em: set. 2018.

RIBEIRO, Gabriela de Castro. **A relação entre o telejornalismo esportivo e a criação de políticas públicas para o esporte: o caso do tênis no Brasil**. 2014.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/39490/A%20RELACAO%20ENTRE%20O%20TELEJORNALISMO%20ESPORTIVO%20E%20A%20CRIACAO%20DE%20POLITICAS%20PUBLICAS%20PARA%20O%20ESPORTE%20-%20O%20CASO%20DO%20TENIS%20NO%20BRASIL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: maio 2018.

RITTNER, Mário Celso. SINEGAGLIA, Fábio Roberto. Atributos de sucesso na estratégia do rádio-esportivo: uma investigação do processo de escolha, avaliação de alternativas e regras de decisão do ouvinte na ótica de seus profissionais. **Anais... XII SIMPEP**. Bauru (SP), 2005.

ROCHA, Alzira Alves de Abreu Dora. **Elas ocuparam as redações**. Rio de Janeiro (RJ), ED: FGV. 2006.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher**. 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>. Acesso em: set. 2018.

ROSSI, Clóvis. *Introdução*. IN: ROSSI, Clóvis (ORG). **O que é jornalismo?** São Paulo (SP), ED: Brasiliense, 2017.

ROWE, David. **Sport, culture and the media**. Berkshire: Open University Press, 2004.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadores a protagonistas a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**. nº 11, 1999.

SILVA, Rafael Pereira da. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>. Acesso em: mar. 2018.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. 2009. Disponível em: <http://especializado.jor.br/jornalismo-esportivo-conceitos-e-praticas/>. Acesso em: mar. 2018.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo (SP), Ed. Summus, 1994.

SOUZA, Eliana das Dores de. **Futebol: paizão, produto ou identidade cultural**. 2013. Disponível em: <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/561-1590-1-PB.pdf>. Acesso em: abr. 2018.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos de Comunicação**. São Leopoldo (RS), n. 5, p.115-133, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo?* IN: TRAQUINA, Nelson (ORG). **Porque as notícias são como são**. Florianópolis (SC), ED. Insular, 2ª edição, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo (SP), ED. Summus Editorial, 3ª edição, 1992.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres**: O gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo (SP). ED: Sundermann, 2ª edição, 2008.

YANEZ, Carlos Ivan. El balón puede esperar. **Chasqui: revista latinoamericana de comunicación**. Quito: Ciespal, n. 51, p48-51, 1995.